



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO

**O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E OS COMPORTAMENTOS
DESVIANTES NOS ADOLESCENTES:
O AUTOCONTROLO E O NARCISISMO COMO MEDIADORES
ENTRE O FUNCIONAMENTO FAMILIAR E OS
COMPORTAMENTOS DESVIANTES**

ELISABETE DE PAIVA MONTEIRO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Chegada ao final do meu percurso acadêmico, foram várias as pessoas que contribuíram para que isso fosse possível. A essas pessoas, aqui expresso a minha gratidão.

À minha orientadora de dissertação, Professora Maria Gouveia-Pereira, obrigada pelos ensinamentos, pela forma *descomplicada* como orientou esta dissertação, pela simpatia, e pelo bom acolhimento que me deu desde o primeiro atendimento que tivemos.

À Ana Moreira, obrigada pela ajuda que me deu a vários níveis, e pela forma simples como trata as coisas complicadas.

Aos professores e aos alunos do estabelecimento de ensino onde recolhi os dados, particularmente à Dra. Ana Margarida Saraiva, o meu profundo agradecimento por me terem aberto a porta da vossa escola.

Às minhas grandes amigas e comadres, Paula e Célia, obrigada por me terem ajudado de várias formas ao longo deste meu percurso que está quase a terminar. Um obrigado especial a vocês, e à vossa família, por estarem na minha vida.

À minha tia Graça, obrigada pela clarividência, pelos momentos de escuta, de compreensão, e por ter sempre espaço para mim.

À minha filha Margarida e ao meu marido Francisco, de novo, obrigada. Sem vocês não teria sido possível chegar aqui. Sozinhos não somos nada, juntos somos tudo.

RESUMO

Com este estudo pretende-se fornecer evidência empírica adicional sobre o impacto que o tipo de funcionamento familiar tem nos comportamentos desviantes dos adolescentes. O tipo de funcionamento familiar, equilibrado ou desequilibrado, será analisado à luz do Modelo Circumplexo (Olson, 2000). Serão também analisados o autocontrolo e o narcisismo como variáveis mediadoras entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes. De acordo com a Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) um baixo autocontrolo poderá levar o adolescente a ter um comportamento desviante. Para estes autores, o meio familiar reveste-se de particular importância no desenvolvimento do autocontrolo das crianças. Segundo a literatura, o narcisismo mal adaptativo poderá ser um indicador de delinquência (Pechorro, 2011).

Participaram 233 adolescentes dos 15 aos 18 anos, de um estabelecimento de ensino do distrito de Lisboa, aos quais foram aplicados os instrumentos: Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV) (Olson, 2011), Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (*Antisocial Process Screening Device – APSD*) - Escala de Avaliação do Narcisismo (Pechorro & Vieira, 2012), Escala de Autocontrolo (Fonseca, 2002a), Escala de Comportamentos Desviantes (Sanches & Gouveia-Pereira, 2013), e por último, um questionário sociodemográfico.

Os resultados revelaram que quanto mais equilibrado o funcionamento familiar dos jovens, menos comportamentos desviantes exibem. Quanto ao efeito de mediação do autocontrolo e do narcisismo entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes, verificou-se que o autocontrolo medeia parcialmente o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes; e que não existe associação entre o narcisismo, o funcionamento familiar e esses mesmos comportamentos. São discutidas as conclusões e as limitações deste estudo.

Palavras-chave: Modelo Circumplexo, Autocontrolo, Narcisismo, Comportamentos Desviantes, Adolescência.

ABSTRACT

The intention of this study is to provide additional empiric evidence about the impact that the type of family system has on the deviant behaviours of adolescents. The type of familiar system, balanced or unbalanced, will be analysed in the light of the Circumplex Model (Olson, 2000). In analysis will also be self-control and narcissism as metering variables between familiar systems and deviant behaviours. According to the General Theory of Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) a low self-control could also lead the adolescent into deviant behaviours. For these authors, the familiar environment carries a particular importance in the development of children's self-control. According to the literature, maladaptive narcissism may be a hint of delinquency (Pechorro, 2011).

In this study participated 233 adolescents with ages from 15 to 18 years old from a school belonging to the district of Lisbon to which were applied the instruments: Flexibility and Familiar Cohesion Evaluation Scale (FACES IV) (Olson, 2011), Antisocial Process Screening Device – APSD – Narcissism Evaluation Scale (Pechorro & Vieira, 2012), Self-control Scale (Fonseca, 2002a), Scale of Deviant Behaviours (Sanches & Gouveia-Pereira, 2013) and at last, a sociodemographic questioning.

The results revealed that the more balanced familiar system among the young the less deviant behaviours they exhibit.

As for the effect of mediation of self-control and narcissism between the familiar system and deviant behaviours, it was proven that self-control partially mediates the familiar system and deviant behaviours. Furthermore, that is no connection between narcissism, familiar system and those same behaviours whatsoever. The conclusions and the limitations and of this study are discussed.

Key-words: Circumplex Model, Self-Control, Narcissism, Deviant Behaviours, Adolescence.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. Adolescência.....	1
2. Delinquência.....	1
2.1 A delinquência segundo a Teoria Geral do Crime	2
2.1.1 A delinquência e o autocontrole.....	6
3. A Família.....	10
3.1. Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares.....	11
3.1.1 Coesão.....	11
3.1.2. Flexibilidade	11
3.1.3 Comunicação	12
3.2 Curvilínearidade do Modelo Circumplexo	12
3.3 Tipos de família	13
3.4 O papel da família no autocontrole.....	14
3.5 O papel da família na delinquência.....	16
3.6 Variáveis familiares.....	16
3.7 Narcisismo.....	17
4. O Modelo Circumplexo e a Teoria Geral do Crime	21
5. Objectivo e Hipóteses.....	22
MÉTODO	25
1. Participantes	25
2. Instrumentos	27
2.1 Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar	27
2.1.1 Operacionalização do Instrumento FACES IV	30
2.2 Escala de Avaliação do Narcisismo APSD-SR.....	31
2.3 Escala de Avaliação do Autocontrole.....	32
2.3.1 Análise Descritiva da Escala de Autocontrole	32
2.4 Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes	33
2.5 Questionário Socio-demográfico	34
3. Procedimento.....	34
RESULTADOS	36
1. Análise Descritiva	36
1.1 Análise dos Rácios do Modelo Circumplexo	36
1.2 Análise da variável Narcisismo.....	38
1.3 Análise da variável Comportamentos Desviantes	38
2. Sistema Familiar e Comportamentos Desviantes	40

3. Sistema Familiar e Autocontrolo.....	41
4. Sistema Familiar e Narcisismo.....	43
DISCUSSÃO.....	44
1. Funcionamento Familiar e Comportamentos Desviantes.....	45
2. Funcionamento Familiar, Autocontrolo e Comportamentos Desviantes.....	48
3. Funcionamento Familiar, Narcisismo e Comportamentos Desviantes.....	51
4. Conclusão	52
5. Limitações.....	53
6. Propostas para futuros estudos	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	63
ANEXO A – Estatística Descritiva da Amostra.....	64
Tabela 1 – Estatística descritiva da variável Sexo	64
Tabela 2 – Estatística descritiva da variável Idade.....	64
Tabela 3 – Estatística descritiva da variável Ano de Escolaridade	64
Tabela 4 – Estatística descritiva da Variável Irmãos	64
Tabela 5 – Estatística descritiva da variável Números de Irmãos	64
Tabela 6 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos.....	65
Tabela 7 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos.....	65
Tabela 8 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos.....	65
Tabela 9 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos.....	65
Tabela 10 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos.....	65
Tabela 11 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos.....	65
Tabela 12 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos.....	66
Tabela 13 – Estatística descritiva da variável Nacionalidade	66
Tabela 14 – Estatística descritiva da variável Pais Juntos	66
Tabela 15 - Idade * Sexo.....	67
Tabela 16 - Ano_esc * Sexo	67
Tabela 17 - Irmãos * Sexo	67
Tabela 18 – Pais Juntos * Sexo	67
ANEXO B – Instrumentos FACES IV	68
ANEXO C - Instrumento FACES IV.....	72
Tabela 19 – Estatística de Fiabilidade.....	72
Tabela 20 – Estatística Item-total.....	72
Tabela 21 – Estatística de Fiabilidade.....	72
Tabela 22 – Estatística Item-total.....	72

Tabela 23 – Estatística de Fiabilidade.....	73
Tabela 24 – Estatística Item-total.....	73
Tabela 25 – Estatística de Fiabilidade.....	73
Tabela 26 – Estatística Item-total.....	73
Tabela 27 – Estatística de Fiabilidade.....	73
Tabela 28 – Estatística Item-total.....	74
Tabela 29 – Estatística de Fiabilidade.....	74
Tabela 30 – Estatística Item-total.....	74
Tabela 31 – Estatística de Fiabilidade.....	74
Tabela 32 – Estatística Item-total.....	75
Tabela 33 – Estatística de Fiabilidade.....	76
Tabela 34 – Estatística Item-total.....	76
Tabela 35 – Estatística Descritiva do Faces IV.....	76
ANEXO D - Escala de Avaliação do Narcisismo APSD-SR.....	77
ANEXO E – Instrumento do Narcisismo APSD-SR	78
Tabela 36 – Estatística de Fiabilidade.....	78
Tabela 37 – Estatística Item-total.....	78
Tabela 38 – Estatística Descritiva do Narcisismo	78
ANEXO F – Escala de Autocontrolo.....	79
ANEXO G – Instrumento de Autocontrolo	80
Tabela 39 – Estatística de Fiabilidade.....	80
Tabela 40 – Estatística Item-total.....	80
Tabela 41 – Estatística Descritiva do Autocontrolo	81
ANEXO H - Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes	82
ANEXO I – Instrumento de Comportamentos Desviantes.....	84
Tabela 42 – Estatística de Fiabilidade.....	84
Tabela 43 – Estatística Item-total.....	84
Tabela 44 – Estatística Descritiva dos Comportamentos Desviantes	84
ANEXO J – Questionário Socio-demográfico	85
ANEXO K – Autorizações para os Encarregados de Educação	86
ANEXO L - Estatística Descritiva dos Rácios do Modelo Circumplexo	87
Tabela 45 – Estatística Descritiva dos rácios do Modelo Circumplexo	87
Tabela 46 - Correlações	87
Tabela 47 - Correlações com Idade	88
ANEXO M - Análise da variável Narcisismo	89
Tabela 48 - Estatística Descritiva dos Grupos	89

Tabela 49 – Teste T.....	89
ANEXO N - Análise da variável Comportamentos Desviantes	90
Tabela 50 – Correlações entre Delinquência e Idade	90
Tabela 51 – ANOVA <i>One Way</i>	91
Tabela 52 – teste de Comparações de Médias <i>Tukey</i> HSD.....	91
ANEXO O - Sistema Familiar e Comportamentos Desviantes.....	92
Tabela 53 – Correlações entre Sistema Familiar e Comportamentos Desviantes.....	92
ANEXO P – Sistema Familiar e Autocontrolo	93
Tabela 54 – Sumário do Modelo	93
Tabela 55 - ANOVA ^a	93
Tabela 56 - Coeficientes	93
ANEXO Q - Sistema Familiar e Narcisismo	94
Tabela 57 – Correlações entre Sistema Familiar e Narcisismo	94

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição da Amostra segundo a Idade e Sexo.....	25
Tabela 2: Frequências dos anos de Escolaridade por Sexo	26
Tabela 3: Distribuição da variável Irmão pelo Sexo	26
Tabela 4: Distribuição da variável Pais Juntos por Sexo.....	27
Tabela 5: Correspondência dos Itens para cada Subescala do FACES IV.....	28
Tabela 6 - Correspondência dos Itens Finais de cada Subescala do FACES IV.....	29
Tabela 7 - Estatística Descritiva e Consistência Interna das Subescalas do Faces IV	29
Tabela 8 - Estatística Descritiva e Consistência Interna do Narcisismo	32
Tabela 9 - Estatística Descritiva e Consistência do Autocontrole	32
Tabela 10 - Estatística Descritiva e Consistência dos Comportamentos Desviantes	33
Tabela 11 - Análise das Correlações entre os Rácios do Modelo Circumplexo	36
Tabela 12 - Estatística de Frequências do Modelo Circumplexo.....	37
Tabela 13 - Análise das Correlações entre a Idade e os Rácios do Modelo Circumplexo	37
Tabela 14 - Teste T para a Variável Narcisismo.....	38
Tabela 15 - Análise de Correlações entre a Idade e os Comportamentos Desviantes.....	38
Tabela 16 - ANOVA One Way e Teste de Tukey HSD para a Variável Idade.....	39
Tabela 17 - Correlações entre as Variáveis em Estudo	41
Tabela 18 - Resultados da Regressão Linear Múltipla para testar o efeito de Mediação.....	42

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Fórmulas para Obtenção dos Rácios do Modelo Circumplexo. Adaptada de “FACES IV Manual”, Olson (2010).....	30
Figura 2- Gráfico dos Comportamentos Desviantes Segundo a Idade	39
Figura 3 - Modelo de mediação	42

INTRODUÇÃO

1. Adolescência

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano que marca a passagem da infância à idade adulta, tornando-se como a idade da mudança (Marcelli & Braconnier, 2005). Contudo, torna-se difícil definir claramente em que idade é que termina a infância e em que idade é tem início a idade adulta dado que estes limites variam, por exemplo, conforme a época e a cultura, o que torna a adolescência num fenómeno não transversal ao ser humano (Marcelli & Braconnier, 2005). É a partir de meados do século XIX que a adolescência se torna naquilo que hoje a conhecemos como tal e onde a sociedade ocidental tende a prolongar essa etapa, com o paradoxo em tratar os jovens como crianças para depois lamentarem que os jovens não sejam capazes de se comportarem como adultos responsáveis (Coslin, 2002). De acordo com Marcelli e Braconnier (2005), existe uma relação entre a natureza da adolescência e a complexidade da sociedade: quanto mais complexa for a sociedade, mais longa e conflituosa será a adolescência.

É a puberdade que em termos fisiológicos marca o início da adolescência: nos rapazes dá-se entre os 12/13 anos e nas raparigas entre 10/11 anos, provocando alterações hormonais, físicas, psicológicas e sociais. Estas alterações psicológicas passam, por exemplo, por uma rejeição da infância e por uma procura do estatuto do adulto, constituindo o âmago da crise que o adolescente atravessa colocando-o, assim, numa fase de transição, de transgressão e de transacção (Coslin, 2002). A transição pode, por vezes, desencadear transgressões, o que não é necessariamente negativo na medida em que permite ao adolescente progredir como, por exemplo, nas suas relações – quebrar com a relevância da imagem parental, porque já não bastam ao seu actual desenvolvimento, para passarem a investir em relações de amizade com os seus pares envolvendo-se em actividades de carácter lúdico, desportivo ou informal (Coslin, 2002; Marcelli & Braconnier, 2005). A amizade torna-se assim num factor de protecção na adolescência proporcionando tranquilidade, conforto e segurança como forma de colmatar o desinvestimento e a desidealização que o adolescente fez das figuras parentais (Coslin, 2002).

2. Delinquência

Dada a pertinência deste fenómeno social e das suas implicações a vários níveis, tais com a nível individual, familiar e social, a delinquência tem sido objecto de numerosas investigações, de abordagens e de teorias.

Para Hirschi (2002), existem três fundamentais perspectivas e teorias acerca da delinquência e comportamentos desviantes: (i) a teoria motivacional que legitima desejos que o conformismo não pode satisfazer, forçando a pessoa ao desvio; (ii) a teoria do controle ou do vínculo que defende que a pessoa é livre de cometer actos delinquentes por que os seus laços à ordem convencional foram de alguma forma quebrados; (iii) as teorias de desvio cultural onde o desviante adapta-se a um conjunto de normas culturais não aceites pela maioria da sociedade, assumindo que os homens são incapazes de cometer actos desviantes.

2.1 A delinquência segundo a Teoria Geral do Crime

Para a presente investigação optou-se por se fazer uma análise da delinquência à luz da Teoria do Controlo sendo que é uma das teorias que mais interesse tem despertado nas áreas da criminologia e do comportamento anti-social (Fonseca & Simões, 2002; Gottfredson & Hirschi 1990; Gouveia, Santos, Guerra, Fonseca & Gouveia, 2013). O que distingue esta teoria das demais teorias criminais é que esta se foca no acto criminal ao passo que as outras se focam no criminoso, e, para além disso, é explicitamente demonstrado as ligações lógicas entre a concepção do criminoso e do crime (Hirschi & Gottfredson, 2003).

Segundo Gouveia et al. (2013), os indivíduos que cometem um crime também apresentam outros comportamentos análogos. Neste sentido, e segundo Gottfredson e Hirschi (1990), o termo crime refere-se a todos os actos de força ou de fraude praticados para satisfação ou proveito pessoal do indivíduo; os comportamentos análogos, segundo os mesmos autores, não envolvem o recurso à força e/ou à fraude e passam por consumo de droga, condutas sexuais de risco, etc.

O crime, na acepção da Teoria Geral do Crime, é fácil de cometer, pode ser uma fonte de excitação, e exige poucas competências verbais ou cognitivas (Fonseca & Simões, 2002), e para Hirschi e Gottfredson (2003) a instantaneidade dos benefícios do crime implica que eles sejam óbvios para o protagonista não sendo necessárias nem capacidades especiais nem aprendizagem, e poderão proporcionar um ganho de prestígio ou permitirem a adesão a um determinado grupo (Born, 2003).

O crime será uma manifestação da natureza humana, que, em si, é hedonista e egocêntrica levando as pessoas a procurarem essencialmente o prazer e evitando a dor (Gottfredson & Hirschi, 1990; Gouveia et al., 2013). No momento de orientar o comportamento para cometer o crime, o indivíduo realiza um "cálculo" racional, verificando quais serão os custos e os benefícios

do mesmo e, em função disto, toma a decisão de o cometer ou não (Gouveia et al. 2013; Hirschi, 2002).

De acordo com Hirschi (2002) a Teoria do Controlo nasce da seguinte pergunta: *Por que é que o homem obedece às regras da sociedade?* O desvio é tomado como concedido; a conformidade deverá ser explicada. No cerne desta teoria não é o desvio que é problemático nem por que é que os sujeitos fazem o desvio – é sim, “*por que é que nós não o fazemos?*” (p. 34).

Para Hirschi (2002), a delinquência é definida por actos, e a detecção dos quais é pensada que irão resultar numa punição da pessoa que os cometeu por agentes da sociedade. Esta definição é consistente com as definições padrão de comportamento desviante ou de actos delinquentes. Por comportamento desviante entende-se o comportamento que viola as expectativas institucionalizadas, isto é, expectativas que são partilhadas e reconhecidas como legítimas dentro de um sistema social (Hirshi, 2002); por actos delinquentes é entendido como o comportamento que viola as normas básicas da sociedade, e oficialmente conhecidas, evocando um julgamento por agentes da justiça criminal em como essas normas foram violadas (Cloward & Ohlin, 1960).

Neste sentido, Hirschi (2002) considera que a delinquência é definida por uma configuração peculiar de actos delinquentes. Assim, não é o primeiro acto ou o terceiro acto cometido que define o jovem como delincente, mas sim, uma frequente combinação de actos que distingue o “verdadeiro” delincente do “pseudo” delincente e do “verdadeiro” não delincente e que, de acordo com o autor, os actos delinquentes resultam quando a ligação individual à sociedade é fraca ou está quebrada. Esta ligação individual à sociedade convencional passa, no entender de Hirschi (2002), por vários elementos que serão descritos e detalhados de seguida:

(i) Vinculação: Como forma de tentar explicar um comportamento desviante, os psicólogos enfatizam a insensibilidade à opinião dos outros e a ausência de vinculação, ficando deste modo os sujeitos libertos de restringimentos morais. Assim, é esta ausência de vinculação aos outros que explica, por exemplo, a inculpabilidade no psicopata, ou seja, a inculpabilidade não é um sintoma de psicopatia, é sim, a psicopatia. Desta forma, a violação das normas é (ou poderá ser) uma consequência da ausência de vinculação. A impulsividade e a agressividade também poderão ser vistas como consequências naturais da libertação de restringimentos morais, e o processo do sujeito se tornar alienado dos outros frequentemente envolve, ou tem por base, um conflito interpessoal activo fornecendo um reservatório de hostilidade (Hirschi, 2002).

Segundo Hirschi (2002), nós somos seres morais na medida em que internalizamos as normas da sociedade, normas estas que são, por definição, partilhadas pelos membros da sociedade. Assim, violar uma norma é um acto contrário à vontade e à expectativa das restantes pessoas. Desta forma, quando uma pessoa não tem em conta a vontade e a expectativa de uma outra pessoa, isto é, se é insensível à opinião dos outros, então, ele está num nível de desvinculação das normas, estando livre para cometer actos desviantes. A essência da internalização das normas, a consciência ou ainda, o superego, assenta na vinculação do sujeito aos outros (Hirschi, 2002);

(ii) Comprometimento: O comprometimento refere-se, segundo Hirschi (2002), à conformidade, isto é, quando uma pessoa obedece numa determinada ocasião às regras simplesmente porque tem medo das consequências. Na mesma linha de conformidade, o sujeito está comprometido não só com aquilo que ele já tem, como com aquilo que ele aspira e ambiciona ter, levando-o a seguir uma linha convencional de acção (Hirschi, 2002), o que poderá traduzir-se num não envolvimento num comportamento desviante, pois, desta forma, poderia colocar o seu futuro em risco.

Se por um lado a vinculação é a contraparte sociológica do superego (ou consciência), o comprometimento é a contraparte do ego ou do senso comum (Hirschi, 2002);

(iii) Envolvimento: O envolvimento ou a absorção em actividades convencionais é um dos factores que, de acordo com esta teoria, faz com que a pessoa esteja demasiado ocupada com tais actividades para que tenha tempo para se envolver em comportamentos desviantes. O envolvimento ganha expressão quando é o envolvimento em actividades convencionais o maior entrave à delinquência. Este mesmo facto é corroborado por Sutherland (sd cit. por Hirschi, 2002) quando afirma que, na área da delinquência juvenil, a maior diferença entre quem se envolve na delinquência e quem não se envolve é que estes últimos estabelecem bastantes oportunidades de tipo convencional para satisfazerem os seus interesses recreativos, ao passo que quem se envolve na delinquência, tem falta dessas oportunidades ou de meios para esse fim.

Veblen (sd cit. por Hirschi, 2002) destaca que os valores de ócio dos delinquentes passam por desdenharem o trabalho, procurarem motivos para protestarem, vontade de terem grandes resultados, e uma aceitação de dureza agressiva como prova de masculinidade. Em suma, o ócio dos adolescentes produz um conjunto de valores, os quais os podem levar à delinquência;

(iv) Crença: No que toca a este factor, a Teoria do Controlo da delinquência assume a existência de um sistema de valores comuns dentro da sociedade ou num grupo, cujas normas são violadas. Assim, a questão colocada por Hirschi (2002) é *“Por que é que um homem viola as regras nas quais ele acredita?”* (p. 23) e, como explicação, o autor afirma que a pessoa foi socializada (talvez

de forma imperfeita) no grupo cujas normas ela viola; e o desvio comportamental não é uma questão de um grupo impor as suas regras nos membros de outro grupo. Neste sentido, a teoria é assumida como não só o desviante acreditou nas regras, como ele acredita nas regras mesmo quando as viola.

Partindo do pressuposto da motivação no que toca à Teoria do Controlo da delinquência, se tanto o desviante como o não desviante acreditam que o comportamento desviante é errado, então como se explica que um cometa tal comportamento e o outro não? Hirschi (2002) propõe duas abordagens a esta questão: Na primeira, as crenças são tratadas como meras palavras que significam pouco ou nada, caso outras formas de controlo estejam ausentes. Neste sentido, o autor propõe o termo “demência semântica” que se traduz na dissociação entre as faculdades racionais e o controlo emocional, as quais costumam ser apontadas como características do psicopata, ilustrando o modo de lidar com o problema. A segunda abordagem prende-se com a racionalização que o desviante faz do seu comportamento de maneira a que, quando viola a regra, mantenha a sua crença nela, o que poderá conduzir a um efeito de neutralização que, por sua vez, libertada a carga negativa da violação da regra, o desviante sente-se mais liberto mais cometer o acto delinvente.

Hirschi (2002) assume igualmente que existe uma variação no grau no qual as pessoas acreditam que devem obedecer às regras da sociedade, ou seja, quanto menos uma pessoa acredita que deve obedecer às regras, mais provavelmente ela a violará. Do mesmo modo, o autor parte do princípio que há uma variação na crença da validade moral das regras sociais. Assim, a probabilidade de alguém cometer um acto delinvente quando as suas crenças na validade moral das normas é fraca, torna-se elevada.

No que toca à dimensionalidade da delinquência, ela não é nem unidimensional nem homogénea, de forma que será ilegítimo tratar de todos os actos delinquentes como sendo delinquência (Hirschi, 2002) já que são comportamentos que diferem entre si, não só na sua gravidade, como no impacto causado na sociedade, como ainda, na sensação que se procura ter com cada um desses actos.

Os actos delinquentes são transversais à estrutura social – não são específicos de um género, de uma etnia, de uma determinada classe social e económica, do tamanho e do tipo de funcionamento da família, da profissão dos pais, ou ainda, de determinada zona geográfica do país (Hirschi, 2002). Tradicionalmente, estas são as variáveis que usualmente são estudadas no que toca à delinquência, todavia, é difícil de saber por que é que estão relacionadas com a delinquência, se é que de facto estão relacionadas. Deste facto, surge uma pergunta: como é que essas variáveis podem-se sempre verificar, mas nunca falsificar a teoria? De acordo com Hirschi

(2002), a resposta a esta pergunta prende-se com o facto de estas variáveis serem normalmente tratadas como causas de variáveis intervenientes, ao invés de causas directas da delinquência, ou seja, usualmente são tratadas como indicadores de variáveis causais.

2.1.1 A delinquência e o autocontrolo

Os autores Gottfredson e Hirschi (1990) propõem então uma teoria geral que procura explicar não somente o crime, mas comportamentos conceitualmente considerados desviantes apontando que tal fenómeno poderá ser explicado através de dois construtos principais: o autocontrolo e oportunidade. À característica dos indivíduos que explica a variação da probabilidade de se envolverem em tais actos, Hirschi e Gottfredson (2003) denominam de autocontrolo. Para estes autores, a variação no autocontrolo é estabelecida precocemente e as diferenças entre os indivíduos mantem-se razoavelmente constante ao longo da vida. Hirschi e Gottfredson (2003) veem o autocontrolo como uma barreira que fica entre o criminoso e os benefícios momentâneos óbvios que o crime fornece. Estes autores propõem que a ligação entre o autocontrolo e o crime é não determinístico mas sim probabilístico, sendo afectado pelas oportunidades e por outras restrições.

É verdade que a ocorrência de um determinado comportamento anti-social só se dará em função da oportunidade mas, essencialmente, este ocorrerá em função do autocontrolo do indivíduo (Fonseca & Simões, 2002). Desta forma, aqueles que possuem um elevado autocontrolo resistem instantaneamente aos prazeres associados ao comportamento criminoso e, pelo contrário, aqueles que possuem um baixo autocontrolo, quando conectado com oportunidades para cometer o crime, resulta em comportamento criminoso (Hay, 2001). Assim, uma ideia básica do modelo é a de que tais comportamentos derivam da interação entre uma oportunidade contextual e algumas características individuais, como por exemplo, o baixo autocontrolo (Fonseca & Simões, 2002; Gouveia et al., 2013).

O autocontrolo integra assim um conjunto de factores individuais que fazem com que uma pessoa apresente a tendência (ou não) a ceder diante da “tentação” do crime (Gouveia et al., 2013).

Numa meta análise efectuada por Pratt e Cullen (2000), e tendo por base a Teoria de Geral do Crime de Gottfredson e Hirschi (1990), esta revela que independentemente das medidas usadas, o autocontrolo é um importante preditor do crime e de comportamentos análogos. Numerosos estudos com base na Teoria Geral do Crime de Gottfredson e Hirschi (1990)

indicam que o baixo autocontrolo quer medido na atitude quer no comportamento afecta o comportamento criminal e desviante (Hay, 2001).

Gottfredson e Hirschi (1990) introduzem o conceito baixo autocontrolo para caracterizarem o indivíduo impulsivo. Este indivíduo é caracterizado por ser insensível aos sentimentos e às necessidades dos outros, ter mais interesse pela actividade física do que pela actividade mental, ter um gosto exagerado pelo risco e pela aventura, ser orientado para o “aqui e agora” (reduzidas perspectivas temporais), mais centrado sobre si mesmo (Fonseca & Simões, 2002; Hay, 2001) e com mais tendência para agir do que para verbalizar (Fonseca & Simões, 2002). Adicionalmente, o indivíduo com baixo autocontrolo carece de persistência e perseverança nas suas acções, tende com frequência a envolver-se em relações de instabilidade (e.g. casamento, trabalho ou amizade), possui uma tendência para os acidentes, não se empenha em actividades profissionais (Fonseca & Simões, 2002), e facilmente perde a paciência (Grasmick, Tittle, Bursik & Arneklev, 1993). No fundo, estas características compelem-no a agir em impulsos criminosos (Hay, 2001).

De acordo com Fonseca e Simões (2002) “Por vezes, o baixo autocontrolo é descrito como um padrão de comportamento ou traço de personalidade, detectável desde cedo na infância, com uma grande estabilidade ao longo da vida (...)” (p. 246).

Tanto a estabilidade de diferenças entre os indivíduos como a versatilidade dos criminosos podem derivar do facto de que tais actos seguem um caminho previsível ao longo da vida, tendo o seu pico a meio da adolescência para depois começar a declinar ao longo da vida. Este facto será devido ao estabelecimento de uma vida afectiva e profissional que acarretam responsabilidades e estatuto (Born, 2003), pese embora o traço que está subjacente ser extremamente estável ao longo do tempo (Hirschi & Gottfredson, 2003) influenciando os comportamentos toda a vida (Evans, Cullen, Burton, Dunaway & Benson, 1997; Turner & Piquero, 2002). Para Born (2003) uma grande parte das carreiras delinquentes tem início na adolescência mas, por vezes, poderá ter início na infância. A delinquência limitada à adolescência tem lugar depois dos 11-12 anos e geralmente caracteriza-se pela passagem ao acto, sendo que os actos de delinquência são bastante diversificados e variam em função das oportunidades e das situações. Os indivíduos com baixo autocontrolo envolver-se-ão até à idade adulta sempre em mais comportamentos desviantes e delinquentes.

Burton, Cullen, Evans, Alarid e Dunaway (1998) realizaram uma investigação com 555 participantes adultos cujo objectivo era verificar se havia diferenças entre o género masculino e feminino que explicasse o comportamento criminoso. Os resultados indicam que a relação do

género com o crime não é significativo excepto quando se introduz o autocontrolo na análise para a explicação do comportamento criminoso.

Partindo do princípio que o baixo autocontrolo é um traço de personalidade, ou seja, “um padrão regular de comportamentos facilmente observáveis ao longo da vida do indivíduo” (Fonseca & Simões, 2002, p. 248), existe então uma grande continuidade entre determinadas características do temperamento da criança e diversas dimensões da personalidade (Caspi, 2000), tais como baixo autocontrolo, temperamento difícil ou ainda, impulsividade.

Estudos efectuados acerca de traços de personalidade e de procura de sensações de risco ou de estimulações, através do uso de questionários e mais tarde numa técnica experimental de laboratório, demonstram que os criminosos procuram sensações de risco o que, frequentemente, é considerado sinónimo de impulsividade ou falta de controlo de impulsos (Farley & Sewell, 1976; Whitehill, De Myer-Gapin & Scott, 1976 cit. por Eysenck, 2003). Segundo Eysenck (2003), o factor que mais estará ligado à criminalidade é a impulsividade, a hostilidade e a agressão.

Num estudo levado a cabo por Hormut, Helmut, Michelitsch, Scheuermann, Trommsdorff e Vögele (1977) numa amostra de 240 adolescentes do sexo masculino, utilizando para o efeito questionários e métodos experimentais, foi possível verificar uma maior falta de controlo da impulsividade, uma forte tendência para a extroversão, mais nervosismo, agressividade, depressão, excitabilidade e instabilidade emocional no grupo dos delinquentes por comparação com o grupo dos não delinquentes. Schwenkmezger (1983) efectuou uma investigação em 107 prisioneiros onde concluiu que, por comparação com o grupo de controlo, o comportamento delincente é favorecido por estratégias de decisão arriscadas e impulsivas, influenciadas mais pela esperança de sorte e de aventura do que por estimativas realistas de habilidades e de possibilidades individuais.

Neste mesmo sentido, também Marcelli e Braconnier (2005) revelam que a impulsividade, a perda de controlo e a baixa auto-estima são factores propícios ao envolvimento na delinquência.

Assim, a presença destas características de personalidade tornam o indivíduo mais vulnerável a uma grande diversidade de comportamentos de risco, sendo que muitos deles enquadram-se no conceito genérico de crime (Gottfredson & Hirschi, 1990).

Alguns estudos na área dos comportamentos de risco e dos comportamentos análogos demonstram que o baixo autocontrolo contribui para a desonestidade na escola (Cochran, Wood, Sellers, Wilkerson & Chamlin, 1998), para o absentismo (Gibbs & Giever, 1995), para a condução sem cinto de segurança (Keane, Maxim & Teevan, 1993), para o consumo de droga (Fonseca &

Simões, 2002; Hay, 2001), conduzir embriagado (Keane et al., 1993; Piquero & Tibbetts, 1996), delinquência juvenil auto-reportada (Junger & Tremblay, 1999; LaGrange & Silverman, 1999; Paternoster & Brame, 1998), para haver filhos fora do casamento e contratar sexo ilícito (Gottfredson & Hirschi, 1990).

O autocontrolo, como o traço subjacente que está por detrás de diversos actos criminosos, é, de acordo com Hirschi e Gottfredson (2003), o factor que fará a diferença entre a existência ou não da tendência em evitar determinados actos cujos custos a longo prazo excedam as vantagens momentâneas. Ainda para estes autores, a concepção e a importância do traço subjacente ao crime e ao comportamento desviante é consistente em várias pesquisas efectuadas, tais como:

(i) Na importância da família na causalidade da delinquência (Born, 2003; Hirschi & Gottfredson, 2003), onde um estudo longitudinal efectuado por Glueck e Glueck entre 1939 e 1950, numa amostra de 1000 rapazes entre os 10 e os 17 anos (500 rapazes delinquentes e 500 rapazes não delinquentes), revela que nos jovens delinquentes existe uma menor percentagem de calor humano, uma maior percentagem de indiferença e de hostilidade e rejeição por parte dos pais, comparativamente aos valores obtidos do grupo dos jovens não delinquentes. Esta pesquisa demonstra igualmente que o afecto dos irmãos para com o jovem delincente e não delincente também diferem, ou seja, nos jovens delinquentes existe uma maior percentagem de indiferença ou hostilidade e menos afecto. Também é demonstrado que a ligação/vinculação do jovem delincente ao pai é, percentualmente, menos de metade daquela que é observada no jovem não delincente. Contrariamente, os valores encontrados para a indiferença e para a hostilidade aberta, são significativamente superiores aos dos jovens não delinquentes. No que toca ao método do controlo parental, o estudo revela que os pais dos jovens delinquentes usam mais a punição física nos seus filhos e menos apelos à razão do que os pais dos jovens não delinquentes (Born, 2003); (ii) na importância das oportunidades em cometer actos criminosos (Cohen & Felson, 1979); e (iii) na revelação de um declínio acentuado em todos os tipos de crime e comportamentos desviante e imprudente com a idade (Hirschi & Gottfredson, 1983).

O autocontrolo é adquirido por meio da socialização, especialmente a familiar, nas etapas iniciais da vida (Gouveia et al., 2013). Nesse caso, a estabilidade do autocontrolo explicaria porque os comportamentos anti-sociais são estáveis ao longo da vida, embora possam variar em função das circunstâncias (Fonseca & Simões, 2002); aqueles indivíduos que cometem um número significativo de comportamentos desviantes na infância provavelmente seguirão com tais condutas noutros momentos da vida (Gouveia et al., 2013), e acabarão por condicionar as

escolhas que farão ao longo da vida (Fonseca & Simões, 2002). Deste modo, e com o intuito de verificar se a estabilidade do autocontrolo se mantém estável ao longo da vida, e assim como uma vulnerabilidade para comportamentos anti-sociais, um estudo longitudinal realizado por Caspi (2000) que acompanhou crianças desde que tinham três anos até terem 21 anos de idade, teve o seguinte procedimento: inicialmente as crianças foram divididas em grupos de acordo com o seu temperamento – inibidos ou indisciplinados e, mais tarde, quando já eram jovens adultos, os dados foram recolhidos a partir do estudo deles próprios, a partir das pessoas que os conheciam bem, assim como a partir de dados oficiais. Este estudo permitiu concluir que as diferenças temperamentais existentes aos três anos têm uma influência profunda ao longo do desenvolvimento da vida, e dá indicações acerca da estrutura de personalidade, relações interpessoais, psicopatologia e crime na idade adulta.

Numa pesquisa conduzida por Tremblay e Craig (1995) sobre o desenvolvimento do comportamento auto-social em crianças, confirmou a hipótese que os factores da primeira infância são importantes predictores do comportamento delinvente, nomeadamente, um comportamento social disruptivo e uma parentalidade pobre.

3. A Família

Sob o ponto de vista sistémico, a família é considerada “como um sistema, uma rede de interacção de trocas dinâmicas na qual o comportamento de cada um dos membros está ligado ao comportamento de todos os outros e depende dele” (Born, 2003, p. 93). Para este autor, a família é a base de toda a conduta social e onde se desenvolve a personalidade da criança influenciada pela sua interacção directa com os pais e “é essencialmente um lugar de comunicação, de trocas afectivas entre pessoas, da mesma geração ou não, que vivem sob o mesmo tecto” (p. 74).

A importância de aceder à família além dos subsistemas específicos pais-criança é sublinhado por teóricos sistémicos (Minuchin, 1974). Assim, o funcionamento completo da família pode ser pensado como todo emergente, incorporando a complexa interacção de todos os membros, incluindo as relações entre cônjuges e irmãos. À medida que a criança irá crescendo vai-se tornando saliente na mesma as matizes do completo funcionamento da família relativas à específica relação pais-criança. Para Feldman e Weinberger (1994) o ambiente que se vive em casa pode determinar, cada vez mais, como muito dos adolescentes permanecem dentro da esfera de influência familiar quando estas lhes dão liberdade para escolherem onde e com quem eles querem passar o seu tempo.

3.1. Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares

Este modelo surge para colmatar um vazio existente entre a investigação, a teoria, e a prática (Olson, 2000) tendo em vista o acesso ao funcionamento familiar. O Modelo Circumplexo de Olson, Russell e Sprenkle (Matherne & Thomas, 2001) é o mais frequentemente citado e o mais amplamente aceite no que toca a pesquisas científicas e à prática clínica. Para Kouneski (2000 cit. por Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011) a validade do Modelo Circumplexo está patente nas mais de 1200 investigações que usaram este modelo.

O Modelo Circumplexo tem por objectivo avaliar os Sistemas Conjugal e Familiar, e a Adaptação e Coesão Familiar (FACES) e sofreu, desde a sua criação (Olson, Sprenkle & Russell, 1979 cit. por Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011), várias revisões, alterações e actualizações quer no modelo em si, quer nas suas escalas avaliativas.

Segundo Olson e Gorall (2006; Olson, 2011) o Modelo Circumplexo integra três dimensões que permitem a compreensão do funcionamento familiar: Coesão, Flexibilidade e Comunicação. Estas dimensões surgiram porque, segundo Olson (2000), são elas que melhor permitem a leitura na compreensão e no tratamento dos sistemas conjugal e familiar, as quais serão de seguida detalhadas:

3.1.1 Coesão

Esta dimensão é a primeira a ser considerada no Modelo Circumplexo e é definida como o laço emocional que os membros da família têm entre eles. A coesão é avaliada segundo os laços emocionais, as barreiras entre subsistemas, as coligações, o tempo e espaço, os processos de tomada de decisão, as actividades de interesse e amigos, e em como é que a família balanceia a separação e a intimidade dos seus membros (Olson, 2000).

Segundo Olson (2000) existem quatro níveis de coesão, desde a desligada (muito baixa) à separada (baixa a moderada), à ligada (moderada a alta) e à emaranhada (muito alta). O autor coloca a hipótese que são os níveis centrais ou equilibrados (separada e ligada) de coesão que tornam o funcionamento familiar equilibrado e saudável. Os extremos ou os níveis desequilibrados (desligado ou emaranhado) são geralmente vistos como funcionamentos familiares problemáticos.

3.1.2. Flexibilidade

Esta segunda dimensão do Modelo Circumplexo refere-se à qualidade e à expressão de liderança e organização, ao papel das relações, e às relações de regras e negociações entre os membros da família. O foco da flexibilidade está em como o sistema familiar balanceia a estabilidade com a mudança (Olson, 2000).

À semelhança da coesão, também nesta dimensão existem quatro níveis de flexibilidade que variam desde a rígida (muito baixa), à estruturada (baixa a moderada), à flexível (moderada a alta) e à caótica (muito alta). Tal como na coesão, Olson (2000) coloca a hipótese que os níveis centrais ou equilibrados de flexibilidade (estruturada e flexível) conduzem a um bom funcionamento conjugal e familiar, onde os extremos (rígido e caótico) são os mais problemáticos para as famílias à medida que elas passam pelo seu ciclo de vida.

Deste modo, e de acordo com Olson (2000), níveis muito altos de flexibilidade (caótica) e níveis muito baixos de flexibilidade (rígida) tendem a ser mais problemáticos para os elementos e para o desenvolvimento de relações a longo prazo. Por outro lado, as relações com níveis moderados de flexibilidade (estruturada e flexível) estão mais aptas a equilibrarem mudança e estabilidade de uma forma mais funcional.

3.1.3 Comunicação

A comunicação é a terceira dimensão do Modelo Circumplexo e é definida como as capacidades positivas de comunicação utilizadas no casal ou no sistema familiar. O conceito comunicação é visto como uma dimensão facilitadora que ajuda as famílias a alterarem os seus níveis de coesão e de flexibilidade (Olson, 2000). A comunicação no casal e na família é vista como as suas capacidades para falar, para ouvir, pela clareza do discurso, pelo respeito e estima, pela empatia na atenção no ouvir, no falar por si próprio e não pelo outro, e na partilha de sentimentos acerca do próprio e da relação.

Os sistemas familiares equilibrados tendem a ter uma boa comunicação, ao passo que os sistemas desequilibrados tendem a ter uma má comunicação (Olson, 2000).

3.2 Curvilínearidade do Modelo Circumplexo

De acordo com Olson (2011), admite-se a hipótese que as dimensões Coesão e Flexibilidade do Modelo Circumplexo tenham uma relação curvilínea, ou seja, muita ou pouca coesão ou flexibilidade é menos saudável do que níveis moderados de coesão e flexibilidade. Para tal, e tendo em vista a mensuração destes dois conceitos, foram criados três resultados: (i) um resultado separado para a Coesão e para a Flexibilidade equilibrada e desequilibrada; (ii) um

resultado que avalie o rácio de Coesão e de Flexibilidade saudável e não saudável; (iii) três resultados dos rácios (rácio da Coesão, rácio da Flexibilidade, e rácio total do Circumplexo) que avaliam em como o sistema familiar é equilibrado ou desequilibrado na Coesão e Flexibilidade (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011).

Desta forma, usando duas escalas Equilibradas na Coesão e na Flexibilidade com quatro escalas Desequilibradas na Coesão e na Flexibilidade, o resultado do rácio compara o montante relativo das características equilibradas *versus* desequilibradas no sistema familiar. Assim, quanto mais alto o resultado do rácio for superior a 1, mais equilibrado é o sistema. Inversamente, quanto mais o resultado do rácio for inferior a 1, mais desequilibrado é o sistema (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011).

O rácio da pontuação Coesão é calculado dividindo o resultado da Coesão Equilibrada pela média das duas escalas Desequilibradas (Desagregada e Emaranhada) (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011).

O rácio da pontuação da Flexibilidade é calculado dividindo o resultado da Flexibilidade Equilibrada pela média das duas escalas Desequilibradas (Rígida e Caótica) (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011).

O Rácio Total do Modelo Circumplexo foi criado com o intuito de fornecer um resumo das características familiares equilibradas (saudáveis) e desequilibradas (problemáticas) num só resultado. O rácio total obtém-se dividindo a média das duas escalas Equilibradas (Coesão e Flexibilidade) pela média das quatro escalas Desequilibradas (Desagregada, Emaranhada, Rígida e Caótica) (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011).

Uma das vantagens verificadas no resultado do rácio Equilibrado/Desequilibrado é que este fornece uma abordagem metodológica tendo em vista a avaliação curvilínea da coesão e da flexibilidade, verificando-se, assim, que quanto mais alto o resultado do rácio for superior a 1, mais equilibrada e saudável é a família (indicando mais equilíbrio que desequilíbrio) (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011). Pelo contrário, quanto mais baixo o resultado do rácio for inferior a 1, mais desequilibrada e problemática é a família. O conhecimento do resultado do rácio permite desta forma determinar o grau no qual o sistema familiar está equilibrado ou desequilibrado (Olson, 2011).

3.3 Tipos de família

Olsen e Gorall (2006) introduzem no Modelo Circumplexo seis tipos de famílias que vão desde as mais saudáveis e felizes até às menos saudáveis e mais problemáticas, às quais

denominam de famílias Equilibradas, Rigidamente Coesas, Meio-termo, Desequilibradas Flexíveis, Desagregadas Caóticas e Desequilibradas.

Sendo a família um meio complexo, torna-se necessário compreender as relações entre os seus membros e identificar eventuais factores que levem à delinquência (Born, 2003). Em todas as famílias existem factores de risco que podem propiciar a existência de condutas delinquentes devido, em parte, às dificuldades de socialização das crianças. A dinâmica familiar existente poderá levar o adolescente a enveredar para uma delinquência ocasional ou de carreira (Born, 2003).

3.4 O papel da família no autocontrolo

Dada a importância da família na sociedade e as suas implicações no desenvolvimento da delinquência, a génese das actuais abordagens à delinquência são multifactoriais e recorrem à interacção de várias variáveis familiares. Mas quais serão os processos familiares que geram a delinquência? Muito provavelmente encontrar-se-á a resposta numa constelação de elementos estruturais, funcionais ou numa acumulação de factores de risco e na dinâmica relacional que daí recorre. De entre as várias variáveis que poderão explicar a delinquência de um indivíduo, a família tem um lugar de destaque, particularmente as suas características estruturais (e.g. pertença social, dimensão e a estrutura do casal parental) e as características de socialização (Born, 2003).

Naturalmente, as crianças tendem a comportar-se de maneira anti-social, egocêntrica ou impulsiva. Assim, as crianças necessitam que a família as ensine, não só a autocontrolarem-se e a resistirem às tentações do momento, como as devem supervisionar chamando-as à atenção para o seu comportamento impulsivo, punindo as suas transgressões e indicando-lhes o comportamento correcto (Fonseca & Simões, 2002; Hay, 2001). Através desta acção educativa parental, a criança saberá planear ou pensar nas consequências dos seus actos e a conter a tendência para satisfazer imediatamente os seus próprios impulsos ou desejos, a maior parte das vezes, à custa dos demais (Fonseca & Simões, 2002). De acordo com Hay (2001), esta acção educativa parental deverá ocorrer antes da entrada na escola, pois é durante esta fase que o autocontrolo é estabelecido e manter-se-á ao longo da vida. O papel dos pais e das famílias no desenvolvimento da capacidade do autocontrolo da criança poderá ser o primeiro veículo pelo qual eles poderão influenciar os problemas de comportamento dos adolescentes (Feldman & Weinberger, 1994). Deste modo, a maior tarefa para os pais e para a família é regular o comportamento das crianças de forma a promover gradualmente a auto-regulação e reduzir a necessidade de controlo externo. Se esta

tarefa for bem-sucedida, estas práticas familiares tornar-se-ão parcialmente internalizadas pela criança e transformadas em características de personalidade (Feldman & Weinberger, 1994). Quer o funcionamento familiar (Canter, 1982; Tolan & Lorion, 1988), quer as medidas mais específicas de parentalidade (Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1989) são fortes preditores do comportamento futuro da criança. Nesse sentido, a relação da díade pai-criança antes da adolescência reveste-se de especial importância na formação da personalidade da criança.

Segundo as teorias social e cognitiva (Bandura, 1986), e psicanalítica (Feldman & Weinberger, 1994), o autocontrolo é desenvolvido, em primeiro lugar, no seio de relações específicas e significativas através de processos tais como a identificação e a modelagem. O comportamento dos pais no poder assertivo, na inconsistência e na auto-centração pode ser especialmente propenso a interferir com o desenvolvimento adequado de autocontrolo nas crianças (Patterson, Crosby & Vuchinich, 1992).

Para Feldman e Weinberger (1994) o autocontrolo refere-se às tendências em todo o ciclo de vida em inibir desejos auto-centrados, no interesse de promover metas a longo prazo e relações positivas com os outros e encontra-se definido hierarquicamente em quatro subdimensões derivadas que representam o autocontrolo motivado por objectivos intrapessoais, interpessoais e comuns. Assim, a primeira subdimensão refere-se ao controlo do impulso e à tendência em pensar depois de actuar no interesse de promover resultados a longo prazo. Esta subdimensão está intimamente relacionada com comportamentos investigados em estudos de impulsividade, hiperactividade, e demora na gratificação, os quais foram todos identificados como preditores da delinquência na adolescência (Magnusson, 1988; Pulkkinen, 1982). A segunda e a terceira subdimensão focam-se mais directamente nos objectivos interpessoais. Assim, a supressão da agressão envolve o evitamento de magoar os outros quando se está zangado ou numa posição de explorar a vulnerabilidade dos outros. Estas duas dimensões abrangem a agressividade e o comportamento pró-social (Olweus, Block & Radke-Yarrow, 1986). A quarta, e última subdimensão, diz respeito à responsabilidade relacionada com o autocontrolo observado nas regras e princípios consensuais da sociedade, ou seja, engloba o desenvolvimento moral em termos de aceitação dos valores sociais.

Feldman e Weinberger (1994) afirmam os níveis de controlo que os pré-adolescentes desenvolveram quando iniciaram a escola irá, pelo menos parcialmente, mediar as relações entre as práticas parentais e familiares nessa fase, e a emergência de comportamentos delinquentes mais tarde. Ainda para os mesmos autores, os factores familiares na pré-adolescência podem predizer efeitos posteriores independentemente da personalidade da criança, dado que, durante a

adolescência, tanto as práticas parentais como as práticas familiares são importantes reguladores do ambiente no comportamento das crianças (Steinberg, 1990). Além disso, a qualidade das interações familiares tende a ser relativamente estável ao longo do tempo (McNally, Eisenberg & Harris, 1991; Roberts, Block & Block, 1984). Logo, a influência social em curso da família é provável que coexista simultaneamente com o desenvolvimento de diferenças individuais de personalidade como determinantes comuns do comportamento delinquente do adolescente (Feldman & Weinberg, 1994).

3.5 O papel da família na delinquência

Loeber e Farrington (1997) num estudo longitudinal efectuado revelam que os factores que predizem a delinquência na adolescência são os conflitos entre os pais, a separação dos mesmos, a ausência do pai, uma fraca supervisão parental, negligência, e ainda, disciplina errática. Nesta mesma linha, Marcelli e Braconnier (2005) referem que a falta de autoridade parental (em especial a paterna), alguns tipos de perda ou de abandono parental são preditores de delinquência.

Um importante conhecimento da associação entre os factores familiares e a subsequente delinquência pode residir, parcialmente, no primeiro entendimento das relações entre delinquência e o desenvolvimento da personalidade. As diferenças individuais estabelecidas a meio da infância predizem fortemente quem irá se envolver em más-condutas na adolescência (Block, Block & Keyes, 1988; Farrington, 1991; Huesmann, Eron, Lefkowitz & Walder, 1984; Kellam, Ensminger & Simon, 1980; Pulkkinen, 1982). Aqueles que estão em maior risco estarão mais propensos a se envolverem num conjunto diversificado de outros problemas de comportamento, como por exemplo, faltar às aulas, iniciarem a actividade sexual precocemente, relações de pares pobres e auto-lesão accidental (Donovan, Jessor & Costa, 1988; Dryfoos, 1990).

3.6 Variáveis familiares

Fonseca e Simões (2002) constataam que as variáveis da família mais relevantes no estudo do comportamento anti-social enquadram-se em duas categorias: a categoria dos aspectos estruturais e a categoria dos aspectos do funcionamento. Os aspectos estruturais referem-se, de uma forma geral, ao nível socioeconómico, ao nível de instrução dos pais, ao número de irmãos, à existência ou não de integralidade nas famílias, ou ainda, à zona e às condições de residência. No entanto, só estas variáveis não conseguem, por elas próprias, proporcionar uma explicação adequada para todos os tipos de comportamento anti-social (Rutter, Giller & Hagell, 1998).

Segundo a perspectiva da Teoria Geral do Crime, o impacto das variáveis estruturais seria exercido de forma indirecta através do seu impacto sobre o funcionamento familiar (Fonseca & Simões, 2002). Este impacto seria sentido, por exemplo, ao nível dos conflitos no casal, na negligência ou abandono dos filhos por parte dos pais, e da existência em casa de pessoas que, através das suas atitudes e dos seus comportamentos, propiciem a aprendizagem da delinquência. Perante este impacto sentido a vários níveis, este traduzir-se-ia na falta de competências educativas dos pais, tais como, falta de capacidade em supervisionar a criança, falta de capacidade em a disciplinar, falta de capacidade de respeito mútuo e, ainda, falta de capacidade de a proteger contra eventuais riscos de comportamento anti-social (Fonseca & Simões, 2002). Para além destes factores, os pais que possuam um baixo autocontrolo tendem a transmitir esta característica aos seus filhos que se torna saliente quando os jovens se ligam a colegas semelhantes ou procuram situações que estejam de acordo com as suas próprias características (Fonseca & Simões, 2002).

Assim, poder-se-á dizer que o comportamento anti-social e o crime não decorrem de uma aprendizagem desviante (e.g. imitação de modelos de comportamento delinquentes na família ou pressão do grupo) mas, decorrem sim, como consequência de défices no processo de socialização da criança no seio da própria família e, em especial, da falta de controlo e de supervisão dos pais (Fonseca & Simões, 2002; Gottfredson & Hirschi, 1990; Hay, 2001), e de estes não reconhecerem e não punirem o comportamento desviante da criança quando este ocorre (Gottfredson & Hirschi, 1990; Hay, 2001).

3.7 Narcisismo

O narcisismo é um constructo complexo e com uma longa história. A sua origem é atribuída a Freud surgindo este conceito pela primeira vez em *Três Ensaios* sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1996b), e tem figurado proeminentemente desde então em vários tipos de literatura, tais como, na psicanalítica, na de relações de objecto, na psicologia do *self*, na psicopatologia e na psicoterapia clínica (Hill & Lapsley, 2011).

Nos anos recentes, o narcisismo têm atraído uma atenção significativa por parte de investigadores das áreas sociais e da personalidade. Estas investigações tendem-se a focar em problemas de avaliação sobre a forma como o narcisismo está relacionado com a auto-estima, com a agressividade e com o outro afectivo e relacional, e com os resultados relacionais e comportamentais (Hill & Lapsley, 2011).

O narcisismo tem sido definido classicamente como uma defesa contra sentimentos de inadequação e inferioridade. Segundo McWilliams (2005), o que os indivíduos narcísicos têm em comum é um sentido interior de insuficiência, vergonha, fraqueza e inferioridade. A autora refere que já em 1913, Ernest Jones descrevia o tipo de indivíduo narcísico manifestamente grandioso marcado por “exibicionismo, distanciamento, inacessibilidade emocional, fantasias de onnipotência, sobrevalorização da sua criatividade e uma tendência para criticar” (p.201). Ultimamente tem sido conceptualizado como a necessidade do indivíduo em ter um apreço elevado por si próprio e de levar as pessoas ao seu redor a demonstrar esse mesmo apreço elevado (Pechorro, 2011).

Para Langaro (2012), o narcisismo é a capacidade individual em manter uma imagem positiva de si mesmo em diferentes circunstâncias relacionadas à representação do *self*, do afecto e de estados regulatórios internos, com necessidade individual de apoio, reconhecimento e validação.

Holmes (2002) refere que o termo narcisismo corresponde à centração em si-próprio ou à preocupação consigo próprio. Lasch (sd cit. por Holmes, 2002) descreve o narcisismo como um conjunto de atitudes caracterizadas pelo extremo individualismo, por uma ausência de interesse pelo passado e pelo futuro, e pela falta de consideração pelos outros.

Ao investimento afectivo na criança denomina-se, segundo Fabião (2007) de narcisismo normal ou positivo, ou narcisismo saudável (Holmes, 2002) e que está relacionado “com um sentimento de ter sido investido pelo amor de alguém que, apesar desse amor, mantinha simultaneamente a capacidade para pensar lucidamente acerca de nós próprios” (p. 140). Mas nem sempre este investimento ocorre, e quando os pais não são capazes de amar os seus filhos de uma maneira única e especial, com um brilho nos olhos (Holmes, 2002) dá-se então uma patologia narcísica, onde terão existido características particularmente traumáticas, uma descontinuidade no sentimento de se sentir investido pelos objectos precoces (Fabião, 2007) e uma ausência da sintonia parental levando a criança a experienciar sentimentos de vazio interior, medo, insignificância, impotência e, ainda, atravessará fases de raiva inconsolável (Holmes, 2002).

Segundo Kohut, a causa de tal perturbação, geralmente, advém de falhas por parte das figuras parentais, ou seja, este mal-estar tem na sua génese uma *falha crónica de empatia* por parte dos objectos do *self*, que se traduz no sujeito numa incapacidade psicológica para regular a sua auto-estima e conservá-la em níveis apropriados (Greenberg & Mitchell, 2003). Ainda para Kohut, o narcisismo é, assim, na sua dimensão construtiva e adaptativa, um agente da integridade e da autonomia do psiquismo (Houzel, Emmanuelli, & Moggio, 2004). No entanto, quando

existem falhas de resposta empática às necessidades do *self* emergente da criança, pode surgir um desequilíbrio narcísico.

Perelberg (2004) ressalta a importância da patologia do narcisismo na conduta potencialmente violenta e criminosa. Os sujeitos com esta patologia podem ter tido, em etapas precoces da sua vida, experiências de severa privação associadas a ambientes de negligência, abandono, separação e desespero. Perelberg (2004) refere ainda que estes sujeitos, subsequentemente, expressarão essas experiências em tentativas de agressão a esses objectos, exteriorizando-as na realidade, e concretizando-as em actos de delinquência, roubos, assassinatos ou ainda, tentativas de homicídio. Um adolescente narcisicamente ferido mergulha na depressão e no desespero, passa a ver o mundo como um lugar condenado e procura desafiar-se através de comportamentos de risco, expressando raiva e destrutividade como sentimentos narcísicos negativos (Holmes, 2002).

A abordagem aos outros como um meio tendo em vista os seus próprios fins, o egocentrismo implacável e a ausência de empatia são aspectos patológicos do narcisismo, reflexos de uma necessidade movida pela inveja de negar a relevância do objecto (Holmes, 2002).

Segundo Rhodewalt e Morf (1995) os narcisistas insuflam a imagem que têm de si próprios como forma de se protegerem da rejeição dos outros, tendem a alterar a sua interpretação da realidade e procuram maximizar a sua auto-estima através de actos que ganhem a aprovação e admiração de outras pessoas de forma a validarem externamente a sua auto-imagem grandiosa.

O narcisismo pode surgir ainda como necessidade de a pessoa se sentir superior aos outros ou como defesa contra sentimentos inconscientes de inadequação ou inferioridade (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt, & Caspi, 2005; McWilliams, 2005).

Para Kernberg (Calhoun, Glaser, Stefurak & Bradshaw, 2000) o narcisista patológico é aquele que não consegue resolver a tensão natural entre o *self* actual e o *self* idealizado, insuflando assim a sua auto-imagem para se proteger da rejeição dos outros, ou seja, existe um investimento libidinal não numa estrutura integrada do *self*, mas sim, numa estrutura patológica do *self*.

Kernberg ressalta as características do meio e da relação precoce como variáveis potenciadoras do desenvolvimento do narcisismo patológico, tais como, pais frios com uma agressividade encoberta, embora intensa, em que um dos pais, frequentemente a mãe, funciona bem num contexto familiar exteriormente bem organizado, apresentando, no entanto, um certo grau de indiferença, insensibilidade e ódio (Fabião, 2007).

O narcisismo, enquanto forma exagerada de auto-avaliação, tem sido considerado um preditor de delinquência, de reincidência e de reacções emocionais extremas como raiva e fúria (Emmons, 1987; Gacono, Meloy & Heaven, 1990). Uma explicação provável para o narcisismo estar ligado à agressão e à hostilidade assenta na hipótese de a passagem ao acto violento ou anti-social acontecer quando a imagem ideal do narcisista é posta em questão por pessoas das quais o seu autoconceito está altamente dependente (Baumeister, Smart & Boden, 1996). Pesquisas efectuadas indicam que os traços narcísicos podem aumentar o risco de agressão (Jones & Paulhus, 2010; Locke, 2009; Paulhus, Robins, Trzesniewski & Tracy, 2004; Schoenleber, Sadeh & Verona, 2011), e a teoria sugere que as tendências agressivas influenciam o grau em que o narcisismo é patológico (Schoenleber, Sadeh & Verona, 2011). Por exemplo, num estudo de Baumeister, Bushman, e Campbell (2000) demonstraram que as características grandiosas do narcisismo podem promover a agressão, especialmente quando a auto-estima de um indivíduo está ameaçada (Bushman & Baumeister, 1998; Schoenleber, Sadeh & Verona, 2011).

Outras pesquisas efectuadas indicam igualmente que o narcisismo aumenta o risco de envolvimento em comportamentos anti-sociais (Bushman & Baumeister, 1998). Há evidências, por exemplo, que os narcisistas são propensos a reacções de raiva, violência e agressão, particularmente se eles forem sujeitos frustrados, se foram insultados, ou se são socialmente rejeitados (Bushman & Baumeister, 1998; Twenge & Campbell, 2003).

Numa experiência em laboratório levada a cabo por Bushman e Baumeister (1998) revelou que as pessoas com narcisismo alto eram as mais agressivas quando lhes era dada a oportunidade de demonstrar agressividade relativamente a alguém que as tinha avaliado negativamente. Assim, os altos níveis de narcisismo combinados com as ameaças ao eu grandioso eram os melhores preditores de agressão e de hostilidade. A experiência também demonstrou que a agressão dos narcisistas não diferia da do grupo controlo desde que não houvesse provocação. Apenas quando havia uma ameaça à auto-percepção grandiosa é que as respostas agressivas aumentavam.

Barry, Frick e Killian (2003) procuraram investigar a relação da auto-estima e do narcisismo com os problemas de comportamento em crianças. Os resultados demonstraram que era o narcisismo que especificamente predizia as características mal-adaptativas demonstrando uma maior quantidade de sintomas de problemas de comportamento. Barry, Grafeman, Adler e Pickard (2007; Washburn, McMahon, King, Reinecke & Silver, 2004) encontraram resultados no mesmo sentido, defendendo que apenas o narcisismo estava significativamente relacionado com a delinquência e a agressão, e que a baixa auto-estima apenas se correlacionava indirectamente com a delinquência mediante o controlo do efeito do narcisismo. Num estudo efectuado por

Barry, Pickard e Ansel (2009) numa amostra de 233 adolescentes em risco, foi analisada a relação entre diversas variáveis, entre as quais o narcisismo, auto-estima, delinquência e agressão. Estes autores concluíram que apenas o narcisismo mal adaptativo era preditor de delinquência e agressão, não tendo as variáveis narcisismo adaptativo e auto-estima capacidade de previsão.

Uma das facetas do narcisismo mal-adaptativo é revelado através da onnipotência. Por exemplo, um sentimento de onnipotência pode levar ao aumento da tomada de risco. Acreditando na sua superioridade, o sujeito pode levar alguém a ver as suas acções como menos arriscadas para si, mesmo em relação a outros (Hill & Lapsley, 2011).

4. O Modelo Circumplexo e a Teoria Geral do Crime

Conforme foi anteriormente mencionado, o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares (Olson, 2000) revela-se num modelo bastante eficaz na avaliação e na interpretação do funcionamento familiar, permitindo, assim, uma leitura compreensiva das dimensões Coesão e Flexibilidade, e em que medida se reflectem no relacionamento entre os membros da família. Este modelo apresenta-se diferente dos demais já que analisa em conjunto a coesão e a flexibilidade, ao passo que os restantes analisam-nas em separado (Olson, 2000).

As famílias necessitam de estabilidade e de mudança, e a capacidade de transitar entre a estabilidade e mudança de forma equilibrada e saudável, distingue as famílias funcionais das não funcionais (Olson, 2000).

É sabido que existe uma interligação entre o relacionamento, a dinâmica familiar, os estilos parentais e a delinquência. Neste sentido, a dimensão Coesão proposta por Olson e Gorall (2006; Olson, 2011) é definida como o laço emocional que os membros da família têm entre eles e pelo grau de autonomia individual que um elemento experimenta no sistema familiar. Assim, para os autores, um nível intermédio de coesão contribui para um bom desenvolvimento individual e para um bom funcionamento familiar. Os níveis alto (emaranhada) ou baixo (desagregada) de coesão familiar indicam um disfuncionamento familiar.

A primeira dimensão, a Coesão, poderá ser comparada ao conceito de vínculo da Teoria Geral do Crime de Gottfredson e Hirschi (1990), onde também é privilegiado o meio familiar. Este vínculo entre pais e filhos revela-se de extrema importância pois ele serve de base à promoção do autocontrolo nas crianças. Para Hirschi (2002) o vínculo afectivo para com as pessoas convencionais é um grande impedimento para o crime.

Tão importante é o vínculo afectivo para o desenvolvimento da criança, e para a prevenção do comportamento delinvente, como é o narcisismo. De facto, o narcisismo poderá ser considerado um factor de risco quando aliado, por exemplo, à existência de práticas parentais de rejeição ou de negligência (e.g. Pechorro, 2011) ou a uma falta crónica de empatia por parte dos pais. Assim, poderão estar fortemente ligados à delinquência quer o vínculo afectivo (e.g. Born, 2003) quer o narcisismo (e.g. Pechorro, 2011).

Como já se viu anteriormente, a segunda dimensão proposta por Olson e Gorall (2006; Olson, 2011) é a Flexibilidade e refere-se à capacidade do sistema familiar para modificar a expressão de liderança e de organização, ao papel das relações, e das relações de regras e negociações como resposta a exigências situacionais e desenvolvimentais (Born, 2003). A Flexibilidade é um *continuum* e possui dois extremos: a rígida e a caótica. Tal como na Coesão, os níveis equilibrados de flexibilidade são os intermédios, e os desequilibrados são os extremos (rígida e caótica).

O tipo de flexibilidade existente na família revela-se de especial importância, já que qualquer sistema familiar passa por situações de adaptação às necessidades desenvolvimentistas (e.g. nascimento de um filho, adolescência ou morte de alguém significativo) e a situações de stresse (e.g. desemprego ou doença). Por altura da fase da adolescência, o adolescente procura mais liberdade, independência e poder no sistema familiar (Olson, 2000). Não só o tipo de flexibilidade, como o tipo de coesão que caracterizam o sistema familiar, irão determinar como se dará essa mudança, se de forma equilibrada ou desequilibrada, apesar da resistência da família na mudança.

A dimensão da Flexibilidade poderá ser comparada ao conceito de supervisão parental da Teoria Geral do Crime de Gottfredson e Hirschi (1990). Tanto a supervisão parental como a falta de controlo estão relacionadas com o comportamento delinvente (e.g. Fonseca & Simões, 2002; Hay, 2001; Hirschi, 2002) assim como os pais não reconhecerem e não punirem o comportamento desviante quando este ocorre (Hay, 2001; Hirschi, 2002).

5. Objectivo e Hipóteses

Dada a aplicabilidade e a versatilidade do Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugal e Familiar (Olson, 2000), o objectivo geral deste estudo é o de compreender em que medida é que o tipo de funcionamento familiar influencia o adolescente no envolvimento ou não na delinquência, já que, de acordo com Born (2003), a dinâmica familiar em que a criança está inserida poderá ser um factor que favorece a delinquência. Também serão objecto de estudo o

autocontrolo e o narcisismo como variáveis mediadoras no envolvimento de comportamentos delinquentes.

Assim, a partir do uso do Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugal e Familiar (Olson, 2000), construiu-se uma hipótese em que se espera que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais (níveis de coesão e flexibilidade familiar equilibrados), por oposição aos jovens provenientes de sistemas disfuncionais (níveis de coesão e flexibilidade familiar desequilibrados), apresentem menos comportamentos de delinquência. Espera-se, assim, verificar a existência de uma relação negativa entre o funcionamento familiar saudável e o comportamento delincente; assim, quanto mais funcional for o sistema de proveniência dos jovens, menos comportamentos delinquentes apresentem.

Também a partir do Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugal e Familiar (Olson, 2000), e da sua terceira dimensão, a comunicação, que é definida como as capacidades positivas de comunicação utilizadas no casal ou no sistema familiar, e vista como uma dimensão facilitadora que ajuda as famílias a alterarem os seus níveis de coesão e de flexibilidade, construiu-se uma hipótese em que se espera que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais apresentem mais capacidades positivas de comunicação familiar, por oposição aos jovens provenientes de sistemas disfuncionais. Neste sentido, espera-se verificar a existência de uma relação positiva entre o funcionamento familiar equilibrado e as capacidades positivas de comunicação familiar; assim, quanto mais positiva for a comunicação familiar mais equilibrado é o funcionamento familiar, e menos comportamentos delinquentes os jovens apresentarão.

Partindo da tese de Gottfredson e Hirschi (1990) em que o autocontrolo é condição primordial do comportamento delincente, cabendo ao sistema familiar o papel de promover o autocontrolo nos seus filhos, coloca-se a hipótese neste estudo que o autocontrolo é um mediador entre o funcionamento familiar e o comportamento delincente. Assim, espera-se que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais, por comparação com os jovens provenientes de sistemas disfuncionais segundo o Modelo Circumplexo (Olson, 2000), apresentem maior capacidade de autocontrolo. Neste sentido, espera-se encontrar uma relação positiva entre o funcionamento familiar e o autocontrolo, na medida em que, quanto mais funcional for o sistema de proveniência, maiores serão as capacidades de autocontrolo dos adolescentes e, logo, menos comportamentos delinquentes.

Segundo a literatura, presumivelmente o narcisismo não será uma causa directa de agressão. Será antes um factor de risco que poderá contribuir para o desencadear de uma resposta agressiva após estimulação ou provocação, assim como o narcisismo mal adaptativo será um

preditor de delinquência (Pechorro, 2011). Neste sentido, coloca-se a hipótese neste estudo que o narcisismo será uma variável relacionada com os comportamentos delinquentes e uma variável mediadora entre o funcionamento familiar e o comportamento delincente esperando-se que, quanto mais funcional for o sistema familiar do jovem, menos narcisismo presente e, logo, menos comportamentos delinquentes.

MÉTODO

1. Participantes

A amostra em estudo é constituída por 233 participantes oriundos de um agrupamento de escolas do distrito de Lisboa. O tipo de amostra foi por conveniência.

Foram aplicados 243 questionários, embora 10 ficassem invalidados por não cumprirem os requisitos necessários.

Destes 233 participantes, 129 (55,4%) são do género feminino (34 com 15 anos; 35 com 16 anos; 41 com 17 anos; 19 com 18 anos) e 104 (44,6%) são do género masculino (24 com 15 anos; 23 com 16 anos; 28 com 17 anos; 29 com 18 anos) (Tabela 1), sendo a média de idades de 16,46 anos (DP=1,079) (Anexo A).

Tabela 1- Distribuição da Amostra segundo a Idade e Sexo

Idade	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
15	34	24	58
16	35	23	58
17	41	28	69
18	19	29	48
Total	129	104	233

No que respeita ao ano de escolaridade dos participantes, este variava entre o 9º ano e o 12º ano. Assim, 23 (9,9%) participantes frequentavam o 9º ano (17 do sexo feminino e 6 de sexo masculino), 149 (63,9%) frequentavam o 10º ano (83 do sexo feminino e 66 de sexo masculino), 30 (12,9%) frequentavam o 11º ano (10 do sexo feminino e 20 de sexo masculino), e por último, 31 (13,3%) dos participantes frequentavam o 12º ano (19 do sexo feminino e 12 de sexo masculino) (Tabela 2) (Anexo A).

Tabela 2: Frequências dos anos de Escolaridade por Sexo

Ano de Escolaridade	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
9º ano	17	6	23
10º ano	83	66	149
11º ano	10	20	30
12º ano	19	12	31
Total	129	104	233

Quanto ao facto de terem ou não irmãos, 45 (19,3%) dos participantes não têm irmãos (24 do sexo feminino e 21 do sexo masculino), e 188 (80,7%) participantes têm entre um e sete irmãos (105 do sexo feminino e 83 do sexo masculino) (Tabela 3) (Anexo A). Assim, as distribuições do número de irmãos e da respectiva média de idades é a seguinte: 94 têm um irmão com uma média de idade de 16,18 anos (DP=6,51), 57 têm dois irmãos com uma média de idade de 18,20 anos (DP=7,67), 24 têm três irmãos com uma média de idade de 16,80 anos (DP=7,16), oito participantes têm quatro irmãos com uma média de idade de 18,43 anos (DP=8,58), dois participantes têm cinco irmãos com uma média de idade de 16,00 anos (DP=4,81), dois participantes têm seis irmãos com uma média de idade de 22,67 anos (DP=12,26), e por último, apenas um participante tem sete irmãos cuja média de idades é 13,14 anos.

Tabela 3: Distribuição da variável Irmão pelo Sexo

	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	24	21	45
Sim	105	83	188
Total	129	104	233

Quanto à situação dos pais dos participantes, se estão juntos ou separados, 102 (43,8%) participantes têm os pais separados (58 do sexo feminino e 45 do sexo masculino), 129 (55,4%) têm os pais juntos (71 do sexo feminino e 59 do sexo masculino), e dois (0,9%) participantes não responderam (Tabela 4) (Anexo A).

Tabela 4: Distribuição da variável Pais Juntos por Sexo

Pais Juntos	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Não	58	45	103
Sim	71	59	130
Total	129	104	233

No que toca à nacionalidade dos participantes, esta é maioritariamente constituída por portugueses. Assim, 211 (90,6%) são portugueses, 10 (4,3%) são brasileiros, e dois participantes são guineenses (0,9%). Da nacionalidade chinesa, romena, alemã, finlandesa, moldava, indonésia, cabo-verdiana e angolana, existe um participante de cada uma destas nacionalidades, correspondendo, cada, a 0,4% da amostra total. Um participante não respondeu a esta questão (Anexo A).

2. Instrumentos

2.1 Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar

O instrumento *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (FACES) sofreu, desde a sua criação (Olson, Sprenkle & Russell, 1979 cit. por Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011), várias revisões, alterações e actualizações quer no modelo em si, quer nas suas escalas avaliativas. Por conseguinte, este instrumento de avaliação auto-reportada é agora denominado FACES IV, visto encontrar-se na sua quarta versão (Olson, 2011). Assim, o FACES IV foi construído para aceder às dimensões coesão familiar e flexibilidade familiar descritas no Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares (Olson, 2000).

Actualmente, este instrumento de auto-relato, encontra-se em processo de validação para a população portuguesa (Gouveia-Pereira, Gomes, Miranda & Peixoto, 2015). O FACES IV apresenta algumas inovações face às versões anteriores, especialmente a inserção de subescalas que permitem atingir de forma mais fiel os extremos das dimensões coesão e flexibilidade familiar do Modelo Circumplexo, ou ainda a introdução de duas escalas destinadas à avaliação da comunicação e satisfação familiar, constituindo um instrumento com um total de 62 itens. Da totalidade destes itens, 42 são destinados à avaliação das dimensões coesão e flexibilidade familiar que, por sua vez, estão subdivididos em seis sub-escalas de sete itens cada, de resposta de tipo *Likert* de cinco pontos (de 1=Discordo Fortemente a 5=Concordo Fortemente).

Duas destas sub-escalas acedem aos níveis equilibrados de ambas as dimensões centrais deste modelo, ou seja, a sub-escala Coesão Equilibrada (e.g. “Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros.”) e a sub-escala de Flexibilidade Equilibrada (e.g. “A nossa família tenta novas formas de lidar com os problemas.”). Estas duas sub-escalas são muito semelhantes à versão anterior deste instrumento, FACES III.

As restantes quatro sub-escalas foram adicionadas nesta nova versão por forma a aceder fielmente aos extremos das dimensões coesão e flexibilidade familiar, algo que as anteriores versões do FACES não permitiam fazer (Olson, 2011). No que respeita à disfuncionalidade familiar, e no caso da coesão familiar, estão presentes duas sub-escalas: a sub-escala de Coesão Desagregada (e.g. “Nós damo-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro.”) e de Coesão Emaranhada (e.g. “Nós passamos ‘demasiado’ tempo juntos”). No caso da flexibilidade familiar, as duas sub-escalas acedem a níveis de Flexibilidade Rígida (e.g. “Na nossa família, há conseqüências rigorosas para quem quebra as regras.”) e de Flexibilidade Caótica (e.g. “Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar.”). Os itens correspondentes às sub-escalas da Coesão e da Flexibilidade Equilibradas poderão ser observados na Tabela 5.

Tabela 5: Correspondência dos Itens para cada Subescala do FACES IV

Sub-escalas	Itens
Coesão Equilibrada	Itens: 1, 7, 13, 19, 25, 31, 37
Flexibilidade Equilibrada	Itens: 2, 8, 14, 20, 26, 32, 38
Comunicação	Itens: 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Seguidamente, surgem as escalas de Comunicação Familiar e Satisfação Familiar. No que toca à escala de Comunicação Familiar, uma versão adaptada da *Parent Adolescent Communication Scale* (Barnes & Olson, 1989 cit. por Olson, 2011) que avalia as capacidades comunicacionais do sistema familiar (e.g. “Quando os membros da minha família fazem perguntas uns sobre os outros, obtêm respostas honestas”; “Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.”). Esta escala é composta por 10 itens (Tabela 5), numa escala de resposta de cinco pontos, tal como as escalas supra mencionadas, sendo que quanto maior a média obtida nesta escala, melhor a comunicação do sistema familiar.

Para a realização do presente trabalho foi aplicada uma versão traduzida do instrumento FACES IV desenvolvida por Gouveia-Pereira et al. (2015), em actual processo de validação para a população portuguesa, composta por apenas 52 itens (Anexo B) uma vez que se excluiu a escala

de Satisfação Familiar. A razão para a exclusão desta escala prende-se com o facto da satisfação familiar não fazer parte directamente das hipóteses em estudo, por um lado e, por outro, para diminuir o extenso número de itens apresentados aos jovens. Depois de testadas as qualidades métricas da escala foram retirados alguns itens (Tabela 6).

Tabela 6 - Correspondência dos Itens Finais de cada Subescala do FACES IV

Subescalas	Itens
Coesão Equilibrada	Itens: 1, 7, 13, 19, 25, 31
Flexibilidade Equilibrada	Itens: 2, 8, 14, 20, 38

Ao analisar-se a consistência interna da versão traduzida do instrumento FACES IV utilizada neste estudo (Anexo C) verifica-se que estes níveis são bons no que se refere à Coesão Equilibrada, ao FACES-IV e à Comunicação, satisfatórios em relação à Flexibilidade Rígida, e que se encontram abaixo do mínimo aceitável ($\alpha=.70$) no que se refere às restantes dimensões (Tabela 7) (Bryman & Cramer, 2003).

Observando a Tabela 7, verifica-se que a média FACES IV se encontra no ponto central da escala (3), que as subescalas consideradas positivas (Coesão Equilibrada, Flexibilidade Equilibrada e Comunicação) se encontram ligeiramente acima do ponto central, e que as subescalas consideradas negativas (Coesão Desagregada, Coesão Emaranhada, Flexibilidade Rígida e Flexibilidade Caótica) se encontram ligeiramente abaixo do referido ponto.

Tabela 7 - Estatística Descritiva e Consistência Interna das Subescalas do Faces IV

Subescalas FACES IV	Média	Desvio Padrão	<i>Alpha de Cronbach</i>
Coesão Equilibrada	3.69	.72	.81
Coesão Desagregada	2.78	.69	.56
Coesão Emaranhada	2.35	.58	.55
Flexibilidade Equilibrada	3.53	.64	.68
Flexibilidade Rígida	2.93	.80	.76
Flexibilidade Caótica	2.53	.77	.65
FACES IV	3.02	.29	.83
Comunicação Familiar	3.41	.74	.88

2.1.1 Operacionalização do Instrumento FACES IV

Olson (2010) apresenta diversas formas de codificar os dados obtidos através da escala FACES IV, onde, para investigações empíricas, sugere a transformação dos valores dos dados em rácios. Assim, nesta investigação, a leitura dos dados da escala FACES IV foi realizada através dos rácios propostos pelo autor.

A possibilidade de criar rácios para o Modelo Circumplexo é uma das inovações introduzidas nesta nova versão do instrumento FACES, onde a divisão dos resultados de cada subescala equilibrada pelas médias das subescalas de funcionamentos familiares desequilibrados torna possível comparar os valores funcionais *versus* disfuncionais de cada sistema familiar (Olson, 2010).

Assim, podem ser criados três rácios (Rácio de Coesão Familiar, Rácio de Flexibilidade Familiar e Rácio Total Circumplexo ou do Funcionamento Familiar) por meio das fórmulas apresentadas na Figura 1. Ao dividir-se quer a média das escalas da Coesão Familiar quer a média das escalas da Flexibilidade Familiar equilibradas, pela média das escalas de Coesão e Flexibilidade Desequilibradas, obtém-se o Rácio de Coesão Familiar e o Rácio de Flexibilidade Familiar. Seguidamente, através da média destes dois rácios, obtém-se o Rácio do Funcionamento Familiar. Estes rácios podem variar entre 0.2 e 5, sendo que o valor 1 é indicador de iguais níveis de funcionamento/disfuncionamento familiar. Resultados superiores a 1 indicam sistemas familiares mais funcionais que disfuncionais, ao passo que valores inferiores a 1 revelam sistemas familiares mais disfuncionais que funcionais.

Deste modo, esta operacionalização permite explorar a hipótese curvilínea do Modelo Circumplexo através da transformação dos dados de maneira a obter-se uma variável contínua (Rácio do Funcionamento Familiar), ou seja, quanto mais abaixo de 1 for o resultado do rácio de um sistema familiar, mais desequilibrado é o seu sistema funcional; em sentido inverso, quanto mais acima de 1 for o resultado do rácio de um sistema familiar, mais equilibrado é o seu sistema.

$$\text{Rácio da Coesão} = \text{Coesão Equilibrada} / \frac{(\text{C. Desagregada} + \text{C. Emaranhada})}{2}$$

$$\text{Rácio da Flexibilidade} = \text{Flexibilidade Equilibrada} / \frac{(\text{F. Rígida} + \text{F. Caótica})}{2}$$

$$\text{Rácio do Funcionamento Familiar} = \frac{(\text{Rácio da Coesão} + \text{Rácio da Flexibilidade})}{2}$$

Figura 1- Fórmulas para Obtenção dos Rácios do Modelo Circumplexo. Adaptada de “FACES IV Manual”, Olson (2010).

2.2 Escala de Avaliação do Narcisismo APSD-SR

O Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (*Antisocial Process Screening Device – APSD*, Frick & Hare, 2001) é uma medida especificamente concebida para avaliar traços psicopáticos em crianças e adolescentes. A versão de auto-resposta (APSD-SR) é apenas utilizada com adolescentes a partir dos 12 anos. O APSD foi originalmente modelado a partir da *Psychopathy Checklist – Revised* (PCL-R, Hare, 2003) como instrumento de despiste. Quanto à sua estrutura, o APSD-SR revela uma estrutura tridimensional composta por traços calosos/não-emocionais, impulsividade e narcisismo. O APSD-SR encontra-se validado para a população portuguesa por Pechorro e Vieira (2012) como forma de facilitar e promover a investigação da psicopatia juvenil em Portugal (Anexo D).

Este instrumento de avaliação de despiste da delinquência juvenil é originalmente constituído por 20 itens que avaliam três dimensões: traços calosos/não-emocionais, impulsividade e narcisismo, de resposta de três pontos (Falso, Por vezes verdade e Muitas vezes verdade). Para a presente investigação, e após um contacto com os autores da validação da escala para a população portuguesa, e da sua respectiva autorização, optou-se por se utilizar unicamente a dimensão do narcisismo, composta por sete itens, e onde se procedeu a uma alteração no tipo de resposta para respostas de frequência (1=Nunca, 2=Pouco frequentemente, 3=Algumas vezes, 4=Muito frequentemente, 5=Sempre). Esta alteração deveu-se ao interesse em estudar apenas uma das três dimensões da escala, e o tipo de resposta que foi introduzida adequava-se melhor ao tipo de resposta utilizada pelos restantes instrumentos que foram utilizados nesta investigação. Os sete itens que correspondem à dimensão do narcisismo extraídos da escala original são os itens: “Pareces ser falso às outras pessoas?”, “Gabas-te muito das coisas que fazes ou tens?”, “Enganas ou usas as pessoas para teres o que queres?”, “Gozas ou divertes-te à custa das outras pessoas?”, “Fazes-te de simpático para conseguires as coisas que queres?”, “Ficas zangado quando te corrigem ou castigam?” e, por último, “Pensas que és melhor ou mais importante que os outros?”.

Efectuando uma análise descritiva dos resultados da Escala de Escala de Avaliação do Narcisismo APSD-SR (Pechorro & Vieira, 2012), obtiveram-se os seguintes valores: $M = 24.21$, $DP = 8.16$, $Min = 0$, $Máx = 47$ (Anexo E). Ao analisar-se a consistência interna da versão traduzida do instrumento APSD-SR utilizada neste estudo (Anexo E) verifica-se que se obteve um *Alpha* de *Cronbach* no valor de .72, e que este instrumento ($M = 1.80$; $DP = .56$) (Tabela 8) apresenta uma média muito abaixo do ponto central desta escala (3), o que significa que os participantes deste estudo revelaram possuir baixos níveis de Narcisismo.

Tabela 8 - Estatística Descritiva e Consistência Interna do Narcisismo

Escala	Média	Desvio Padrão	<i>Alpha</i> de <i>Cronbach</i> do Presente Estudo
Narcisismo	1.80	.56	.72

2.3 Escala de Avaliação do Autocontrolo

Como forma de aceder ao autocontrolo dos participantes desta investigação, foi utilizada a Escala de Autocontrolo originalmente desenvolvida no âmbito do estudo da Teoria Geral do Crime de Gottfredson e Hirschi (1990) (Gibbs, Giever & Martin, 1998; Grasmick et al., 1993), validada para a população portuguesa por Fonseca (2002a) (Anexo F).

Esta escala auto-reportada é constituída por um total de 24 itens (e.g. “Faço as coisas impulsivamente, sem parar para pensar.”; “Preocupo-me mais com o que me pode acontecer a curto prazo do que com o que me pode acontecer a longo prazo.”) em que os participantes devem indicar até que ponto cada item os descreve, partindo de quatro possíveis níveis de resposta (0=Nada, 1=Um pouco, 2=Bastante, 3= Muito). A operacionalização desta escala dá-se através do somatório das respostas dos indivíduos, o que perfaz um valor total que pode variar entre 0 e 72, sendo que valores globais mais elevados representam níveis de autocontrolo mais baixos.

2.3.1 Análise Descritiva da Escala de Autocontrolo

Numa análise das qualidades psicométricas da Escala de Autocontrolo ($M = 24.21$, $DP = 8.16$) (Tabela 9) (Anexo G) podemos observar como este instrumento assumiu um valor de *Alpha* de *Cronbach* $\alpha = .75$, que lhe concede um nível de consistência interna razoável (Bryman & Cramer, 2003). Como se pode observar, a média desta variável neste estudo encontra-se abaixo da média, o que nos indica um elevado autocontrolo.

Tabela 9 - Estatística Descritiva e Consistência do Autocontrolo

Escala	Média	Desvio Padrão	<i>Alpha</i> de <i>Cronbach</i> do Presente
--------	-------	---------------	---

			Estudo
Autocontrolo	24.21	8.16	.75

2.4 Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes

Como forma de medir os comportamentos desviantes dos participantes deste estudo, foi utilizada a Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes (DBVS) (Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes & Roncon, 2015) validada para a população portuguesa (Anexo H).

Esta é uma escala auto-reportada que tem como objectivo aceder à conduta desviante dos jovens, apresentando-lhes 19 itens que correspondem a tipos de comportamentos desviantes que tenham cometido durante o último ano, tais como, por exemplo, comportamentos aditivos (e.g. “Consumiste haxixe (“ganzas”) ou marijuana (“erva”)?”), comportamentos relativos a furtos (e.g. “Roubaste alguma coisa que valia mais de que 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?”), ou ainda a actos de vandalismo (e.g. “Fizeste grafitis em edificios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc.)?”). Perante estes itens, o sujeito deve responder se praticou cada um destes tipos de comportamentos desviantes no último ano, sendo-lhe apresentado um tipo de resposta dicotómica, de um ponto (Não=0, Sim=1). Assim, a operacionalização desta escala dá-se pelo somatório dos itens, obtendo um valor total que pode variar desde 0 (i.e. não praticou qualquer dos comportamentos apresentados neste questionário durante o último ano) e 19 (i.e. praticou, no último ano, todos os comportamentos apresentados na Escala de Variedade de Comportamentos Desviantes). Também para esta Escala de Variedade de Comportamentos Desviantes ($M = 3.32$, $DP = 2.25$) foi realizada uma análise das suas qualidades psicométricas (Anexo I) onde se conclui que obteve um valor de consistência interna (*Alpha de Cronbach*) $\alpha = .75$ (Tabela 10), um valor indicador da sua razoável consistência interna (Bryman & Cramer, 2003).

Tabela 10 - Estatística Descritiva e Consistência dos Comportamentos Desviantes

Escala	Média	Desvio Padrão	<i>Alpha de Cronbach</i> do Presente Estudo
Comport Desviantes	3.32	2.25	.75

2.5 Questionário Socio-demográfico

Por último, foi aplicado um questionário socio-demográfico aos participantes (Anexo J). Neste questionário eram solicitadas as seguintes informações: sexo, idade, ano de escolaridade, número de irmãos e respectivas idades, nacionalidade, e se os pais viviam juntos ou separados.

3. Procedimento

Por se tratar de uma amostra proveniente de contextos escolares, foi necessário obter previamente uma autorização por parte da Direcção-Geral da Educação para a recolha de dados. Deste modo, e através do serviço de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar, foi obtida a referida autorização para a recolha de dados por via do inquérito com o n.º 0485100001. De seguida, foi estabelecido um contacto pessoal com as entidades responsáveis do estabelecimento de ensino, onde foram esclarecidos os objectivos deste trabalho, os instrumentos a utilizar, bem como a amostra pretendida. Foram ainda realizadas autorizações para os encarregados de educação, ou seja, um documento onde se informava os responsáveis pelos participantes menores de 18 anos de idade de que a participação neste estudo é anónima, e de que as suas respostas são totalmente confidenciais (Anexo K). Após a recolha das autorizações dos encarregados de educação, procedeu-se à recolha de dados que se deu em contexto de sala de aula, num tempo cedido para o efeito.

Previamente à distribuição dos questionários, procedeu-se à apresentação e ao objectivo do estudo, informando para tal que seria necessário o preenchimento de questionários, os quais demorariam cerca de 20 minutos a serem preenchidos. Foi frisado que as respostas eram totalmente anónimas e confidenciais, que não se deveriam identificar em caso algum, e que os dados recolhidos teriam unicamente como fim a presente investigação. Foi referido que não existiam respostas certas ou erradas, pois o objectivo era saber como é que pensavam face ao que lhes era pedido nos questionários. Foi igualmente referido que caso tivessem dúvidas no preenchimento dos questionários, que as poderiam esclarecer com o investigador.

Após estes esclarecimentos, iniciou-se a distribuição dos questionários compostos por uma folha de rosto onde se explicava qual o objectivo do estudo, seguido da Escala FACES IV, da Escala de Avaliação do Narcisismo APSD-SR, da Escala de Avaliação do Autocontrolo, da Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes e, por fim, de um questionário socio-demográfico onde era solicitado a idade, o género, o ano de escolaridade, entre outros elementos do participante.

Após o total preenchimento dos questionários, e da respectiva recolha, o investigador colocou-se à disposição para esclarecer eventuais dúvidas relacionadas com a investigação em causa, assim como houve um reforçar dos agradecimentos pela disponibilidade dos alunos em participarem na mesma.

RESULTADOS

Para a obtenção da análise estatística apresentada ao longo deste estudo foi utilizado o *Software SPSS Statistics* (v. 22, Chicago, IL). De salientar que, para todos os testes de hipóteses que serão apresentados nesta investigação, foi considerada uma probabilidade de erro de tipo I, $\alpha = 0.05$. Adicionalmente, na presente análise dos resultados, assume-se que as diferentes distribuições cumprem o pressuposto de normalidade dos testes paramétricos, uma vez que a amostra em estudo apresenta uma dimensão razoavelmente elevada para se evocar o Teorema do Limite Central, que fixa como nestas amostras com dimensões razoáveis (superiores a 25-30 sujeitos), a distribuição da média amostral é satisfatoriamente aproximada à normal (Marôco, 2010).

1. Análise Descritiva

1.1 Análise dos Rácios do Modelo Circumplexo

Ao proceder-se a uma análise das correlações entre os diferentes rácios do Modelo Circumplexo, constata-se que estes se encontram positivamente correlacionados (Tabela 12) (Anexo L). Assim, o equilíbrio funcional entre os extremos da Coesão Familiar é semelhante aos extremos da Flexibilidade Familiar. No que toca à Comunicação, e uma das principais hipóteses deste Modelo (Olson, 2000), é que os sistemas familiares funcionais tendem a possuir uma boa comunicação, ao passo que sistemas disfuncionais tendem a apresentar estilos de comunicação mais fracos. Deste modo, no presente estudo verifica-se que a correlação entre a Comunicação e o Rácio do Funcionamento Familiar é forte ($r = .69; p < .001$), o que significa que quanto mais funcional é o funcionamento familiar melhores são as capacidades de comunicação (Tabela 11).

Tabela 11 - Análise das Correlações entre os Rácios do Modelo Circumplexo

	1	2	3	4
1. Rácio da Coesão	-			
2. Rácio da Flexibilidade	,477**	-		
3. Comunicação	,671**	,489**	-	
4. Rácio do Funcionamento Familiar	,914**	,793**	,692**	-

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

No que diz respeito ao funcionamento familiar dos participantes deste estudo, e no que toca ao Rácio da Coesão Familiar, verifica-se que 35 (15%) participantes possuem níveis de coesão mais desequilibrados que equilibrados (i.e. inferiores a 1), enquanto 198 (85%) apresentam níveis de coesão equilibrada iguais ou superiores aos níveis desequilibrados (i.e. igual ou superior a 1). No que se refere ao Rácio da Flexibilidade Familiar, 31 (13.3%) participantes possuem um rácio inferior a 1, indicando um funcionamento familiar desequilibrado, e 202 (86.7%) participantes possuem níveis de flexibilidade familiar equilibrados (i.e. rácio igual ou superior a 1).

Por fim, verifica-se que o Rácio do Funcionamento Familiar apresenta 206 (88.4%) participantes com níveis iguais ou superiores a 1, indicando um funcionamento familiar equilibrado, enquanto 27 (11.6%) dos participantes apresentam um funcionamento familiar com rácio total mais desequilibrado que equilibrado, ou seja, inferior a 1 (Tabela 12).

Tabela 12 - Estatística de Frequências do Modelo Circumplexo

Rátios do Modelo Circumplexo	Resultado	
	≥ 1	< 1
Rácio da Coesão Familiar	198 (85%)	35 (15%)
Rácio da Flexibilidade Familiar	202 (86.7%)	31 (13.3%)
Rácio do Funcionamento Familiar	206 (88.4%)	27 (11.6%)

No seguimento da análise descritiva dos Rátios do Modelo Circumplexo verifica-se que o Rácio de Coesão Familiar e o Rácio de Funcionamento Familiar se encontram significativa e negativamente correlacionados com a idade dos participantes, isto é, os participantes mais velhos revelaram ter uma pior Coesão Familiar e um pior Funcionamento Familiar (Tabela 13).

Tabela 13 - Análise das Correlações entre a Idade e os Rátios do Modelo Circumplexo

	1	2	3	4
1. Idade	-			
2. Rácio da Coesão	-,134*	-		
3. Rácio da Flexibilidade	-,112	,477**	-	
4. Rácio do Funcionamento Familiar	-,145*	,914**	,793**	-

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

1.2 Análise da variável Narcisismo

No que toca à variável mediadora Narcisismo, esta não se correlaciona significativamente com a idade dos participantes. Já no que respeita à análise das diferenças do Narcisismo segundo o sexo dos participantes, e por existir uma violação ao pressuposto de homogeneidade das variâncias ($F(1, 232) = 8.87, p = .003$), foi utilizado o teste *t-Student* com correção de *Welch* em que se verificou a existência de diferenças estatisticamente significativas ($t(196.93) = -2.33, p = .021$) (Tabela 14), revelando os participantes do sexo masculino ($M = 1.90, DP = .61$) níveis de narcisismo superiores relativamente aos participantes do sexo feminino ($M = 1.73, DP = .50$) (Anexo M).

Tabela 14 - Teste T para a Variável Narcisismo

Variável	T	p	Diferença da Média
Sexo	-2.33*	.021	-.17*

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

1.3 Análise da variável Comportamentos Desviantes

Nos resultados obtidos neste estudo verifica-se que idade está significativa e positivamente correlacionada com os comportamentos desviantes ($r = .22; p = .001$) (Tabela 15) (Anexo N), ou seja, os participantes mais velhos revelaram possuir mais comportamentos desviantes, o que também se pode comprovar através da Figura 2, pois os comportamentos desviantes vão aumentando gradualmente com a idade, atingindo o máximo aos 18 anos de idade ($M = 3.92, DP = 2.96$).

Tabela 15 - Análise de Correlações entre a Idade e os Comportamentos Desviantes

	1	2
1. Idade	-	
2. Comportamentos Desviantes	.217**	-

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

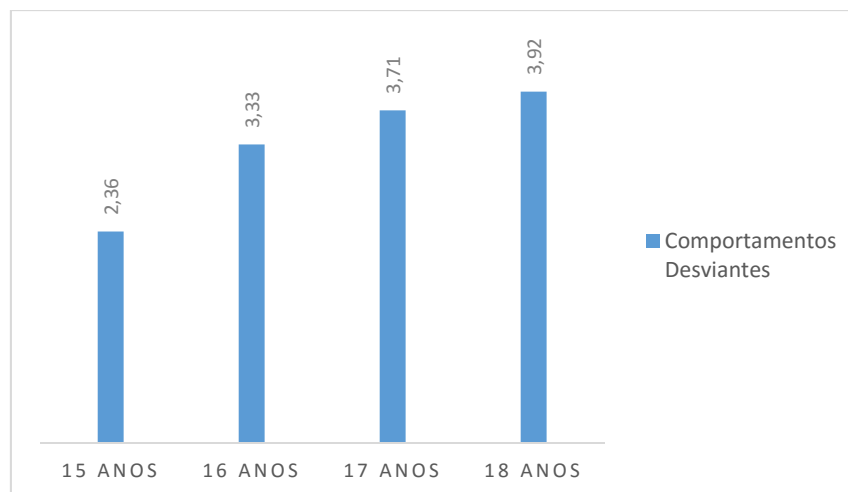


Figura 2- Gráfico dos Comportamentos Desviantes Segundo a Idade

Com a finalidade de se analisar se existem diferenças estatisticamente significativas no número de comportamentos desviantes dos participantes consoante a idade, realizou-se o teste paramétrico ANOVA *One Way* depois de verificados os pressupostos da Normalidade e Homogeneidade de Variâncias (Anexo N). Não se verifica o pressuposto da normalidade ($p < .001$), mas como todos os grupos têm mais do que 30 participantes, e segundo o Teorema do Limite Central é possível realizar o teste paramétrico. Verifica-se o pressuposto da Homogeneidade de Variâncias ($p = .093$). Seguidamente utilizou-se o teste *Tukey* HSD para analisar entre que grupos existem diferenças estatisticamente significativas. Utilizou-se este teste pois é o mais robusto à violação de pressupostos e o mais indicado para amostras de grande dimensão (Anexo N). Na Tabela 16 apresentam-se os resultados considerados significativos.

Tabela 16 - ANOVA One Way e Teste de Tukey HSD para a Variável Idade

Variável	ANOVA <i>One Way</i>		Comp. Desv. A	Comp. Desv. B	Tukey HSD	
	F	<i>p</i>			Dif. Médias (A-B)	<i>p</i>
Idade	4.27**	.006	17 Anos	15 Anos	.07*	.016
			18 Anos	15 Anos	.08*	.010

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

Analisando os resultados obtidos verifica-se que existe um efeito principal da idade sobre a variabilidade dos comportamentos desviantes ($F(3, 229) = 4.27$; $p = .006 < \alpha = .01$). Os participantes com 17 e 18 anos têm mais comportamentos desviantes do que os participantes com 15 anos, revelando os primeiros mais comportamentos desviantes do que os segundos.

2. Sistema Familiar e Comportamentos Desviantes

Partindo do objectivo geral deste estudo que é o de compreender em que medida é que o tipo de funcionamento familiar, analisado segundo o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugal e Familiar (Olson, 2000) influencia o adolescente no envolvimento ou não na delinquência, onde também é objecto de estudo o autocontrolo à luz da Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990), e o narcisismo, ambos como influências moderadoras no envolvimento de comportamentos delinquentes, ir-se-á de seguida testar as hipóteses decorrentes deste objectivo e formuladas com base na revisão de literatura:

Primeira hipótese formulada: espera-se neste estudo que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais (níveis de coesão e flexibilidade familiar equilibrados), por oposição aos jovens provenientes de sistemas disfuncionais (níveis de coesão e flexibilidade familiar desequilibrados), apresentem menos comportamentos de delinquência. Espera-se, assim, verificar a existência de uma relação negativa entre o funcionamento familiar saudável e o comportamento delinvente; assim, quanto mais funcional for o sistema de proveniência dos jovens, menos comportamentos delinquentes apresentem. Por forma a dar resposta a esta primeira hipótese analisou-se a correlação entre o Rácio do Funcionamento Familiar e a conduta desviante, revelando-se esta correlação estatisticamente e negativamente significativa ($r = -.25, p < .001$) (Tabela 18) (Anexo O), isto é, à medida que o funcionamento familiar melhora, a prática de comportamentos desviantes por parte dos jovens diminui. Entre a Coesão Familiar e os comportamentos desviantes também existe uma correlação significativa e negativa ($r = -.25, p < .001$), assim como entre a Flexibilidade Familiar e os Comportamentos Desviantes ($r = -.16, p = .017$). Face a estes resultados comprova-se esta primeira hipótese em estudo.

Segunda hipótese formulada: espera-se neste estudo que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais apresentem mais capacidades positivas de comunicação familiar, por oposição aos jovens provenientes de sistemas disfuncionais. Neste sentido, espera-se verificar a existência de uma relação positiva entre o funcionamento familiar equilibrado e as capacidades positivas de comunicação familiar; assim, quanto mais positiva for a comunicação familiar mais equilibrado é o funcionamento familiar e menos comportamentos delinquentes os jovens apresentarão. Como se poderá constatar através da Tabela 17 (Anexo O), a Comunicação correlaciona-se significativamente e positivamente com o Funcionamento Familiar ($r=.69$), com a Flexibilidade ($r=.49$) e com a Coesão ($r=.67$), ou seja, quanto melhor a Comunicação melhor o Funcionamento Familiar, a Flexibilidade e a Coesão.

A Comunicação correlaciona-se ainda significativamente mas de forma negativa com os comportamentos desviantes ($r=-.26$) e com o autocontrole ($r=-.14$), isto é, quanto melhor a comunicação menos comportamentos desviantes. Quanto à correlação entre o autocontrole e a comunicação, apesar de ser uma correlação negativa, os resultados devem ser interpretados de forma positiva uma vez que quanto mais baixa a média mais elevado o autocontrole. Assim sendo, os resultados indicam-nos que quanto melhor a comunicação mais elevado o autocontrole. A associação entre a comunicação e o narcisismo não é significativa. Perante os resultados obtidos, esta segunda hipótese em estudo confirma-se.

Tabela 17 - Correlações entre as Variáveis em Estudo

	1	2	3	4	5	6	7
1.Rácio do Funcionamento Familiar	-						
2.Rácio da Flexibilidade	,793**	-					
3.Rácio da Coesão	,914**	,477**	-				
4.Comunicação	,692**	,489**	,671**	-			
5.Narcisismo	-,086	-,062	-,083	-,069	-		
6.Delinquência	-,246**	-,156*	-,251**	-,261**	,133*	-	
7.Autocontrole	-,186**	-,135*	-,178**	-,137*	,257**	,304**	-

Nota: * $p<.05$; ** $p<.01$

3. Sistema Familiar e Autocontrole

Terceira hipótese formulada: partindo da tese de Gottfredson e Hirschi (1990) em que o autocontrole é condição primordial do comportamento desviante, cabendo ao sistema familiar o papel de promover o autocontrole nos seus filhos, coloca-se a hipótese neste estudo que o autocontrole é um mediador entre o funcionamento familiar e o comportamento delincente. Assim, espera-se que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais, por comparação com os jovens provenientes de sistemas disfuncionais segundo o Modelo Circumplexo (Olson, 2000), apresentem maior capacidade de autocontrole. Neste sentido, espera-se encontrar uma relação positiva entre o funcionamento familiar e o autocontrole, na medida em que, quanto mais funcional for o sistema de proveniência, maiores serão as capacidades de autocontrole dos adolescentes e, logo, menos comportamentos desviantes.

Com o intuito de se testar o efeito mediador da variável autocontrole na relação entre funcionamento familiar e os comportamentos desviantes, utilizaram-se os procedimentos de Baron e Kenny (1986), que sugerem a verificação de três condições previamente à realização no teste do efeito mediador. A primeira condição é a de que a variável independente deve ter um impacto significativo na variável dependente. A segunda condição é a de que a variável

independente deve ter um impacto significativo na variável mediadora. A terceira condição é a de que a variável mediadora deve ter um impacto significativo na variável dependente. Depois de confirmados os três pressupostos anteriores, a relação entre a variável independente e a variável dependente deve ser significativamente enfraquecida (mediação parcial) ou não significativa (mediação total) quando a variável mediadora é incluída na equação de regressão.

Quanto ao efeito mediador do Autocontrolo na relação entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes verificam-se os pressupostos para a realização do teste de mediação conforme se pode comprovar segundo a Tabela 18 (Anexo P). Para se testar este efeito mediador realizou-se uma regressão linear múltipla em dois passos. No primeiro passo foi introduzida a variável dependente (comportamentos desviantes) e a variável independente (funcionamento familiar). No segundo passo foi introduzida a variável mediadora (autocontrolo).

Tabela 18 - Resultados da Regressão Linear Múltipla para testar o efeito de Mediação

Variáveis Independentes	Comportamentos Desviantes	
	β Step 1	β Step 2
Funcionamento Familiar	-.25**	-.20**
Autocontrolo		.27**
<i>Overall F</i>	14.89**	17.13**
R^2_a	.06	.12

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

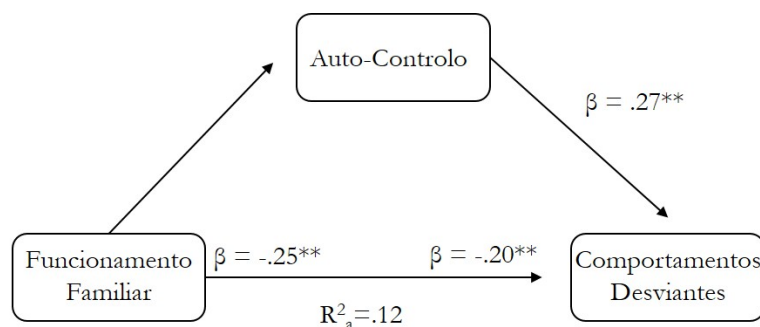


Figura 3 - Modelo de mediação

Verifica-se que ao introduzir-se na equação de regressão a variável mediadora, esta possui um impacto significativo negativo na variável dependente (comportamentos desviantes) ($\beta_{AC} = .27$; $p < .001$) e o impacto do funcionamento familiar nos comportamentos desviantes enfraquece: M1 ($\beta_{FF} = -.25$; $p < .001$); M2 ($\beta_{FF} = -.20$; $p = .002$) (Figura 3). Os Modelos são estatisticamente significativos: Modelo 1 $F(1,231) = 14.89$ com $p < .001$; Modelo 2 $F(2,230) = 17.13$ com $p < .001$.

Perante estes resultados pode-se afirmar que o autocontrolo exerce um efeito de mediação parcial na relação entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes. Realizado o teste de *Sobel* obteve-se um $Z = -2.47$, levando-se a concluir que se confirmou a hipótese inicialmente formulada.

4. Sistema Familiar e Narcisismo

Quarta hipótese formulada: Segundo a literatura, presumivelmente o narcisismo não será uma causa directa de agressão mas antes um factor de risco que poderá contribuir para o desencadear de uma resposta agressiva após estimulação ou provocação, assim como o narcisismo mal adaptativo será um preditor de delinquência (Matos, 1983; Pechorro, 2011). Neste sentido, coloca-se a hipótese neste estudo que o narcisismo será uma variável mediadora entre o funcionamento familiar e o comportamento delinvente esperando-se que, quanto mais funcional for o sistema familiar do jovem menos narcisismo presente e, logo, menos comportamentos delinquentes. Para tal, realizou-se um teste de correlações de *Pearson* onde se verificou que o narcisismo não se encontra significativamente correlacionado com o funcionamento familiar ($r = -.09$, $p = .233$) (Anexo Q). Como se verifica que o funcionamento familiar não tem uma associação significativa com o narcisismo não se pode testar o efeito de mediação do narcisismo na relação entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes (Tabela 17). No entanto, os dados obtidos revelam que existe uma associação significativa e positiva do narcisismo com a delinquência ($r = .13$) e com o autocontrolo ($r = .26$), o que significa que quanto mais elevado o narcisismo mais comportamentos desviantes são praticados, e maior o autocontrolo.

DISCUSSÃO

A presente investigação foi realizada com o objectivo de averiguar em que medida é que o sistema familiar (funcional *versus* disfuncional) dos adolescentes se relaciona com o envolvimento de condutas desviantes, bem como analisar o efeito mediador do autocontrolo e do narcisismo nessas mesmas condutas.

Não obstante nos últimos vinte anos ter havido avanços teóricos relevantes no estudo da delinquência numa perspectiva do ciclo de vida e de trajectórias delinquenciais, grande parte dos pressupostos aguarda ainda comprovação empírica (Pechorro, 2013). Independentemente dos processos etiológicos teoricamente envolvidos, o que a maioria das teorias partilha é a importância que atribuem às variáveis individuais e familiares, sendo que é nesse tipo de variáveis que a investigação actual se tem centrado (Pechorro, 2013), daí a pertinência da realização do presente estudo pois a tónica é colocada em variáveis psicológicas.

Existem diferentes teorias de diferentes autores que fornecem diferentes perspectivas acerca da delinquência e dos comportamentos desviantes, tais como, a teoria do desvio cultural, a teoria motivacional, ou ainda, a teoria do controlo (Hirschi, 2002), entre outras. A presente investigação estudou a delinquência à luz da teoria do controlo proposta por Hirschi (2002), uma vez que esta teoria incide sobre variáveis psicológicas. Dado que a delinquência é multi-causal, o foco deste estudo incide apenas nos aspectos do funcionamento familiar, do autocontrolo e do narcisismo dos adolescentes.

Para a primeira hipótese em estudo, os resultados aqui obtidos apontam para que, à medida que o Funcionamento Familiar é mais equilibrado (níveis de coesão e flexibilidade familiar equilibrados), a prática de comportamentos desviantes por parte dos jovens diminui, existindo desta forma uma correlação negativa entre o índice do Funcionamento Familiar, a Coesão e a Flexibilidade equilibrados e os comportamentos desviantes. Neste mesmo sentido, também na Coesão Familiar e nos comportamentos desviantes existe uma correlação negativa, bem como entre a Flexibilidade Familiar e os comportamentos desviantes, isto é, quanto mais a Coesão e a Flexibilidade Familiar forem equilibradas, menos comportamentos desviantes são apresentados pelos adolescentes.

No que respeita à segunda hipótese em estudo, os resultados evidenciam que quanto melhor a Comunicação entre os membros da família melhor o Funcionamento Familiar e, conseqüentemente, menos comportamentos desviantes são praticados pelos adolescentes. Deste modo, os resultados revelam não só a existência de uma relação positiva entre o funcionamento

familiar equilibrado e as capacidades positivas de comunicação familiar, como revelam uma correlação negativa com os comportamentos desviantes, isto é, quanto melhor a comunicação menos comportamentos desviantes.

No que toca à terceira variável em estudo, o autocontrolo como variável mediadora entre o funcionamento familiar e o comportamento desviante, os resultados obtidos sugerem que o autocontrolo medeia parcialmente a relação positiva entre o funcionamento familiar e os comportamentos.

No que respeita à quarta hipótese em estudo, o narcisismo como variável mediadora entre o funcionamento familiar e o comportamento desviante, os resultados indicam que não existe o efeito de mediação nesta relação. No entanto, foi possível apurar que o narcisismo possui uma associação significativa e positiva com a delinquência, o que significa que quanto mais elevado o narcisismo mais comportamentos desviantes são praticados pelo adolescente.

1. Funcionamento Familiar e Comportamentos Desviantes

Na primeira hipótese em estudo encontrava-se subjacente a confirmação da existência de uma relação entre o funcionamento familiar equilibrado com os comportamentos desviantes. Dado que existe na literatura vários estudos (e.g, Benavente, 2002; Born, 2003; Fonseca & Simões, 2002; Gomes & Gouveia-Pereira, 2014; Hay, 2001; Hirschi, 2002; Matherne & Thomas, 2001) que revelam que o funcionamento familiar pode influenciar os comportamentos desviantes nos adolescentes, pretendeu-se assim, verificar no presente estudo, a existência dessa relação. Partiu-se da premissa do Modelo Circumplexo (Olson, 2000) que famílias com um funcionamento familiar mais equilibrado, sob o ponto de vista dos níveis de coesão e da flexibilidade equilibrados, terão jovens com menos comportamentos delinquentes, por comparação com famílias com um funcionamento familiar desequilibrado, igualmente sob o ponto de vista dos níveis de coesão e de flexibilidade desequilibrados, terão jovens com mais comportamentos desviantes.

Ao analisar o Rácio do Funcionamento Familiar do presente estudo, verifica-se que à medida que o funcionamento familiar melhora, a prática de comportamentos desviantes por parte dos jovens diminui. Entre a dimensão Coesão Familiar e os comportamentos desviantes também se verificou a existência de uma correlação significativa e negativa, tal como entre a dimensão Flexibilidade Familiar e os comportamentos desviantes. Face a estes resultados comprova-se esta primeira hipótese em estudo.

Em relação à sub-escala que avalia os níveis extremos e desequilibrados da dimensão Coesão, isto é, coesão desagregada (extremamente baixa) e coesão emaranhada (extremamente alta), e à sub-escala que avalia os níveis extremos da dimensão Flexibilidade, isto é, flexibilidade rígida (extremamente baixa) e flexibilidade caótica (extremamente alta), se correlacionam significativamente entre si com excepção da Coesão Emaranhada que apenas se correlaciona significativamente com a Flexibilidade Rígida e com a Flexibilidade Caótica.

Ao proceder-se a uma análise das correlações entre os diferentes rácios do Modelo Circumplexo, constata-se que estes se encontram positivamente correlacionados. Neste sentido, o equilíbrio funcional entre os extremos da coesão familiar é semelhante aos extremos da flexibilidade familiar.

Torna-se pertinente salientar os resultados obtidos relativamente aos Rácios do Modelo Circumplexo, mais especificamente no que toca ao Rácio de Coesão Familiar e ao Rácio de Funcionamento Familiar, em que se verifica que estes se encontram significativa e negativamente correlacionados com a idade dos participantes, isto é, os participantes mais velhos revelaram ter uma pior Coesão Familiar e um pior Funcionamento Familiar. Atendendo ao facto de neste estudo os participantes mais velhos apresentarem mais comportamentos desviantes, onde também evidenciam uma pior Coesão Familiar e um pior Funcionamento Familiar, poder-se-á colocar como hipótese explicativa que os crescentes comportamentos desviantes entre os participantes mais velhos poderão ser um reflexo de uma má Coesão familiar e de um mau Funcionamento Familiar.

No Modelo Circumplexo, a coesão é definida como o laço emocional que os membros da família têm entre eles (Olson & Gorall, 2006; Olson, 2011) e, poder-se-á pensar que o laço que une os adolescentes aos pais e *vice-versa* será fraco, o que poderá conduzir a um pior funcionamento familiar e, logo, a mais comportamentos desviantes. Neste sentido, e tal como Hirschi (2002; Born, 2003) refere, uma falta de vínculo aos pais conduz directamente à delinquência já que uma criança desvinculada não tem de considerar as consequências dos seus actos relativamente aos seus pais. Torna-se claro que um jovem que não tenha um laço (ou que seja fraco) aos seus pais (especialmente se for com o pai) fica mais vulnerável a enveredar por comportamentos desviantes.

Os resultados obtidos neste estudo evidenciam que existe um aumento dos comportamentos desviantes dos 15 aos 18 anos, apesar de se verificar uma diferença mais significativa nos participantes com 17 e 18 anos (Tabela 17). A maioria da literatura que realiza pesquisas dentro da área criminal refere que os comportamentos desviantes têm início de uma forma geral na puberdade, crescendo exponencialmente durante a segunda década de vida com

um pico no final da adolescência, decrescendo acentuadamente a partir dos vinte e poucos anos (Pechorro, 2013). Hirschi (2002), por outro lado, menciona que a actividade delinvente tem início por volta dos 11 ou 12 anos, sendo que esta actividade vai aumentando até cerca dos 15 anos. Para Benavente (2002), os comportamentos delinquentes atingem um máximo entre os 15 e os 17 anos, existindo um decréscimo quando os adolescentes entram na idade adulta. Born (2003) refere que a *delinquência limitada à adolescência* tem início entre os 11 ou 12 anos, tem o seu ponto alto aos 14-15 anos, declinando no final da adolescência. Como se pode constatar, a literatura não é consensual relativamente à idade com que os comportamentos desviantes atingem o seu pico nem quando têm o seu fim.

Em suma, através dos resultados obtidos no presente estudo, esta primeira hipótese inicialmente formulada em que os jovens provenientes de sistemas funcionais equilibrados apresentavam menos comportamentos delinquentes, confirma-se, indo assim ao encontro da revisão de literatura e do Modelo Circumplexo de Olson (2000).

Na segunda hipótese em estudo encontrava-se subjacente a confirmação da existência de uma relação positiva entre o funcionamento familiar equilibrado e as capacidades positivas de comunicação familiar, resultando desta relação menos comportamentos desviantes nos adolescentes; onde se espera-se que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais apresentassem mais capacidades positivas de comunicação familiar, por oposição aos jovens provenientes de sistemas disfuncionais.

Assim, dado que o Modelo Circumplexo (Olson & Gorall, 2003) advoga que a Comunicação são as capacidades positivas de comunicação utilizadas no casal ou no sistema familiar, e é vista como uma dimensão facilitadora na medida em que ajuda as famílias a alterarem os seus níveis de coesão e de flexibilidade familiares face a exigências situacionais e/ou de desenvolvimento, pretendeu-se verificar no presente estudo a existência da relação entre comunicação, funcionamento familiar e comportamentos desviantes. Ao analisar os resultados deste estudo, pode-se verificar que quanto melhor a Comunicação melhor o Funcionamento Familiar e menos comportamentos desviantes praticados pelos adolescentes. Perante os resultados obtidos, esta segunda hipótese em estudo confirma-se corroborando o pressuposto de Olson e Gorall (2003), no qual é referido que os sistemas familiares equilibrados tendem a ter uma boa comunicação, ao passo que os sistemas desequilibrados tendem a ter uma má comunicação. Nesta mesma linha, Hirschi (2002) atribui especial importância ao tipo de comunicação existente no sistema familiar, defendendo que uma comunicação mais estreita e íntima entre os membros leva à prática de menos comportamentos desviantes.

2. Funcionamento Familiar, Autocontrolo e Comportamentos Desviantes

Partindo do pressuposto da Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) em que o autocontrolo é condição primordial do comportamento delinquente, cabendo ao sistema familiar o papel de promover o autocontrolo nos seus filhos, procede-se de seguida à análise dos resultados da terceira hipótese em estudo que decorre desse pressuposto. Desta forma, o autocontrolo seria uma variável mediadora entre o funcionamento familiar e o comportamento delinquente onde se esperava que os jovens provenientes de sistemas familiares funcionais, por comparação com os jovens provenientes de sistemas disfuncionais, de acordo com o Modelo Circumplexo, apresentassem maior capacidade de autocontrolo. Deste modo, esperava-se encontrar uma relação positiva entre o funcionamento familiar e o autocontrolo, na medida em que, quanto mais funcional fosse o sistema de proveniência, maiores seriam as capacidades de autocontrolo dos adolescentes e, logo, menos comportamentos delinquentes.

Assim, os resultados desta investigação sugerem que se pode afirmar que o autocontrolo exerce um efeito de mediação parcial na relação entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes, indo ao encontro do pressuposto da Teoria Geral do Crime de Gottfredson e Hirschi (1990). Deste modo, e face a este facto, os participantes deste estudo serão provenientes de um sistema familiar equilibrado, o qual é caracterizado, segundo o Modelo Circumplexo, por serem famílias que possuem os níveis mais altos nas subescalas do equilíbrio na Coesão e Flexibilidade, e os níveis mais baixos em todas as escalas do desequilíbrio, à excepção da subescala da rigidez, onde os níveis estão muito perto do mais baixo. Esta combinação de um equilíbrio elevado e de níveis de desequilíbrio baixos indica um tipo de família com altos níveis de funcionamento saudável e baixos níveis de funcionamento problemático. São famílias capazes de lidar com o stresse diário e com mudanças relacionais ao longo do tempo (Olson & Gorall, 2006). É este tipo de sistema funcional familiar equilibrado que melhor propicia o desenvolvimento do autocontrolo na criança, reflectindo-se, mais tarde, no autocontrolo do adolescente e nos seus comportamentos.

Alguma da investigação efectuada na área da delinquência e dos comportamentos desviantes apontam o autocontrolo como um mecanismo que medeia as influências familiares nos comportamentos delinquentes subjacentes (e.g., Feldman & Weinberger, 1994; Fonseca &

Simões, 2002; Hay, 2001; Pratt & Cullen, 2000), tornando os resultados deste estudo ainda mais consistentes. Neste sentido, poder-se-á afirmar em como o funcionamento familiar, segundo o Modelo Circumplexo, se relaciona de forma curvilínea com o autocontrolo, já que, quanto mais disfuncional for o funcionamento familiar em ambos os sentidos de coesão familiar (i.e. desagregada e emaranhada) e flexibilidade familiar (i.e. rígida e caótica), menores serão as capacidades de autocontrolo dos seus adolescentes; e o seu inverso – ou seja, quanto mais funcional for o sistema familiar (níveis de coesão e flexibilidade familiar equilibrados), maior serão as capacidades de autocontrolo dos adolescentes.

Assim, os dados aqui obtidos apontam no mesmo sentido do pressuposto da hipótese geral do Modelo Circumplexo de Olson (2000), mas também daquilo que Gottfredson e Hirschi (1990) advogam na sua Teoria Geral do Crime, onde é atribuída uma grande relevância ao ambiente familiar na promoção de autocontrolo nos seus filhos, descrevendo o contexto familiar como a causa principal da existência ou não do autocontrolo. Para os autores Gottfredson e Hirschi (1990), existem quatro aspectos relevantes do funcionamento familiar que põe em causa a existência ou não de autocontrolo na criança: os laços afectivos entre pais e filhos, o controlo e a supervisão parental, as regras familiares, e o reconhecimento e devida punição dos comportamentos desviantes praticados pela criança. Aos laços afectivos propostos por Gottfredson e Hirschi (1990), o Modelo Circumplexo de Olson (2000) fá-los corresponder à sua dimensão Coesão Familiar; à supervisão parental, às regras familiares e ao reconhecimento e respectiva punição do comportamento desviantes, fá-los corresponder à dimensão da Flexibilidade Familiar. Por outras palavras, o que Gottfredson e Hirschi (1990) indicam é que as práticas parentais ineficazes na infância precoce provocam uma falha na capacidade de autocontrolo, que por sua vez desencadeia os comportamentos impulsivos que estão fortemente relacionados com um vasto conjunto de comportamentos desviantes e delinquentes ao longo da vida.

Face ao anteriormente exposto, poder-se-á pensar que os jovens que revelam níveis mais baixos de autocontrolo serão oriundos de funcionamentos familiares com níveis de coesão desequilibradas (i.e, coesão desagregada e emaranhada), sendo este funcionamento familiar caracterizado por uma separação emocional extrema, pela pouca proximidade entre os membros da família, por uma falta de lealdade e por uma grande independência entre os membros ou, no extremo oposto, por um excesso de proximidade entre os elementos da família, assim como por uma desmedida dependência intrafamiliar. Mas não só, também no que respeita à flexibilidade familiar, os jovens com baixo autocontrolo poderão ser provenientes de funcionamentos familiares com uma flexibilidade desequilibradas (i.e, rígida e caótica), o funcionamento familiar é

caracterizado por muita pouca troca de papéis entre os membros, a liderança existente na família é do tipo autoritário, a disciplina e as regras existentes são rigorosas e inalteráveis ou, no extremo oposto, por existirem demasiadas e constantes trocas de papéis entre os membros, falta de liderança na família, e a disciplina é instável e irregular (Olson & Gorall, 2003).

Por oposição, os jovens que revelam maiores níveis de autocontrolo poderão ser procedentes de funcionamentos familiares equilibrados, onde a coesão e a flexibilidade tem níveis equilibrados. Assim, este tipo de funcionamento familiar poderá ser caracterizado por haver entre alguma a muita ligação emocional entre os membros, a separação e a proximidade são equilibradas, a proximidade e a lealdade entre os membros são moderadas a altas, e existe interdependência, e ainda, por existir uma liderança partilhada, uma disciplina democrática e as regras podem ser alteradas se houver necessidade (Olson & Gorall, 2003). Poder-se-á concluir que um sistema funcional equilibrado leva a um desenvolvimento sadio do jovem a vários níveis, onde o autocontrolo surge com especial destaque pois este poderá marcar a diferença no seu envolvimento ou não em comportamentos desviantes. Todavia, não se pode considerar que seja o baixo autocontrolo o único factor explicativo das várias formas do comportamento desviante, embora exista um efeito especial do baixo autocontrolo nesse tipo de comportamentos (Fonseca & Simões, 2002).

Pela análise efectuada aos dados alcançados na presente investigação no que toca à relação do funcionamento familiar com o autocontrolo e com os comportamentos desviantes, pode-se concluir que existe um efeito de mediação, ainda que parcial, do autocontrolo nos comportamentos desviantes, tal como se tinha anteriormente previsto. Assim, estes resultados são consistentes com o pressuposto do Modelo Circumplexo que defende que níveis equilibrados de coesão e de flexibilidade familiar conduzem a um desenvolvimento individual mais saudável (Olson, 2011), bem como são consistentes com a premissa defendida por Gottfredson e Hirschi (1990) na Teoria Geral do Crime acerca do desenvolvimento do autocontrolo no seio familiar ter implicações no envolvimento em comportamentos desviantes.

Importa referir a relevância da dimensão Comunicação do Modelo Circumplexo, a qual no presente estudo tem uma forte correlação positiva com o Funcionamento Familiar, que terá, com certeza, uma contribuição positiva para o desenvolvimento de um autocontrolo adequado e equilibrado nos adolescentes.

De igual forma, os resultados aqui alcançados vão no mesmo sentido daqueles que Gomes e Gouveia-Pereira (2014) obtiveram relativamente ao efeito mediador que o autocontrolo exerce entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes, onde também é

demonstrada a importância da articulação entre a Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) e o Modelo Circumplexo (Olson, 2000), tal como na presente investigação.

3. Funcionamento Familiar, Narcisismo e Comportamentos Desviantes

Procedendo a uma análise aos resultados da quarta hipótese em estudo, que o narcisismo seria uma variável mediadora entre o funcionamento familiar e o comportamento delincente onde se esperava que, quanto mais funcional fosse o sistema familiar do jovem, menos narcisismo apresentasse e, logo, menos comportamentos delinquentes, verificou-se que o funcionamento familiar não tem uma associação significativa com o narcisismo não se podendo testar o efeito de mediação do narcisismo na relação entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes. Apesar dos resultados desta investigação apontarem para a inexistência de uma associação do funcionamento familiar com o narcisismo, estes mesmos resultados também apontam para uma associação significativa e positiva do narcisismo com os comportamentos desviantes e com o autocontrolo, o que significa que quanto mais elevado o narcisismo mais comportamentos desviantes são praticados pelo adolescente e maior o seu autocontrolo.

Tal como já referido anteriormente e segundo a literatura, presumivelmente o narcisismo não será uma causa directa de agressão, mas será antes um factor de risco que poderá contribuir para o desencadear de uma resposta agressiva após estimulação ou provocação. Assim, o narcisismo mal adaptativo será um preditor de delinquência (Matos, 1993; Pechorro, 2011), e poder-se-á reflectir em condutas potencialmente violentas e criminosas, em actos de delinquência, roubos, assassinatos e tentativas de homicídio (Perelberg, 2004), ou ainda numa procura a desafiar-se a si próprio através de comportamentos de risco (Holmes, 2002). O narcisismo enquanto forma exagerada de auto-avaliação também tem sido considerado um preditor de delinquência, e de reincidência (Emmons, 1987; Gacono, Meloy & Heaven, 1990). Uma explicação provável para o narcisismo estar ligado à agressão e à hostilidade assenta na hipótese de a passagem ao acto violento ou ao acto anti-social acontecer quando a imagem ideal do narcisista é posta em questão por pessoas das quais o seu autoconceito está altamente dependente (Baumeister, Smart & Boden, 1996). Para Pechorro (2011), o narcisismo está fortemente ligado à

delinquência, e perante os resultados deste estudo, poder-se-á dizer que os mesmos são consonantes com a revisão de literatura, já que se verifica que quanto mais elevado é o narcisismo mais comportamentos desviantes são praticados.

4. Conclusão

Os resultados obtidos nesta investigação evidenciam que um funcionamento familiar equilibrado, mediado pelo baixo autocontrolo, leva a níveis baixos de comportamentos desviantes. No entanto, não foi possível verificar o efeito de mediação do narcisismo entre o funcionamento familiar e os comportamentos desviantes, mas foi possível verificar a existência de uma associação com os comportamentos desviantes e com o autocontrolo. O Modelo Circumplexo (Olson, 2000) articulado com a Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) constituíram os fundamentos para a formulação das hipóteses deste estudo, às quais se adicionaram duas variáveis psicológicas – o autocontrolo e o narcisismo.

Espera-se que os resultados alcançados neste estudo, alarguem e aprofundem a evidência empírica prévia acerca da interacção do funcionamento familiar, do autocontrolo e do narcisismo nos comportamentos desviantes dos adolescentes contribuindo para a compreensão da mesma, dado que a investigação em Portugal neste domínio é escassa. Para tal, pensa-se que tanto o Modelo Circumplexo (Olson, 2000) aqui usado, interligado com a Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990), são uma mais-valia neste campo de investigação e que poderá ser replicado noutras investigações.

Sabe-se que os comportamentos desviantes e delinquentes não são um fenómeno homogéneo nem unidimensional - são o resultado de múltiplas causas onde concorrem uma constelação de variáveis, as quais terão contribuições de forma directa e indirecta. No caso particular desta investigação, as variáveis estudadas são tanto mais importantes quanto se sabe empiricamente que o contexto familiar continua a desempenhar um papel determinante na orientação do comportamento do adolescente.

Reveste-se, portanto, de especial importância as investigações nesta área para que contribuam para o desenvolvimento e fundamentação das intervenções na adolescência, sejam elas de carácter preventivo, clínico, pedagógico, ou outras. Estes tipos de intervenções não se aplicam unicamente ao adolescente – também as famílias poderão necessitar de intervenção e de ajuda no que toca ao seu funcionamento familiar, uma vez que já se sabe que este tem uma importância crucial no desenvolvimento da criança. Actuando na prevenção muitos problemas futuros, que poderão mesmo persistir durante toda a vida como o caso do baixo autocontrolo,

poderão ser evitados, minimizando-se, desta forma, o efeito prejudicial quer a nível individual, familiar e social.

5. Limitações

Como limitações nesta investigação, poder-se-á apontar o tamanho da amostra (N=233) como tendo sido insuficiente face aos instrumentos aplicados e ao extenso número de itens dos mesmos, particularmente os do instrumento FACES IV. Também a consistência interna das escalas, no que toca ao instrumento FACES IV, é de assinalar pois as subescalas da Coesão e da Flexibilidade desequilibradas é relativamente baixa. Por os instrumentos aplicados serem medidas de auto-relato e, apesar de as respostas serem anónimas e os dados confidenciais, poderá ter existido uma certa desejabilidade social nas respostas dadas. E por fim, os dados recolhidos terem sido num único estabelecimento de ensino poderá ter tornado o tipo de amostra muito homogénea.

6. Propostas para futuros estudos

Como propostas para futuros estudos será pertinente desenvolver mais investigações que relacionem o funcionamento familiar com o narcisismo e com os comportamentos desviantes, pois em Portugal estes estudos são escassos e a literatura existente refere que o narcisismo mal adaptativo poderá ser um preditor de delinquência. Igualmente importante será estudar a relação da vinculação dos adolescentes aos pais, com o autocontrolo e com os comportamentos desviantes.

No que toca à investigação no âmbito da Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) e do Modelo Circumplexo (Olson, 2000), a interação entre família, autocontrolo e crime ainda é relativamente diminuta e os resultados nem sempre convergem. Deste modo, torna-se útil desenvolver mais investigações para melhor se compreender essa interação. Importante será também considerar a interação do grupo de pares dos adolescentes, com o autocontrolo e com os comportamentos desviantes. Poderá também ser relevante investigar a relação entre o funcionamento familiar, o insucesso escolar e os comportamentos desviantes, utilizando-se para tal o Modelo Circumplexo (Olson, 2000).

Uma vez que a Teoria Geral do Crime (Gottfredson & Hirschi, 1990) advoga que a relação entre o baixo autocontrolo e o comportamento desviante é universal, e eventuais diferenças a existirem serão um reflexo das diferenças individuais no autocontrolo, não

contemplando, por exemplo, diferenças no autocontrolo como resultado de diferenças culturais, uma investigação transcultural poderia revelar-se uma mais-valia neste domínio.

REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Prentice-Hall, Inc.
- Bandura, A. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American psychologist*, 44 (9), 1175.
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The Moderator-Mediator Variable Distinction in Social Psychological Research: Conceptual, Strategic, and Statistical Considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51 (6), 1173-1182.
- Barry, C. T., Frick, P. J., & Killian, A. L. (2003). The relation of narcissism and self-esteem to conduct problems in children: A preliminary investigation. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32(1), 139-152.
- Barry, C. T., Grafeman, S. J., Adler, K. K., & Pickard, J. D. (2007). The relations among narcissism, self-esteem, and delinquency in a sample of at-risk adolescents. *Journal of Adolescence*, 30(6), 933-942.
- Barry, C. T., Pickard, J. D., & Ansel, L. L. (2009). The associations of adolescent invulnerability and narcissism with problem behaviors. *Personality and Individual Differences*, 47(6), 577-582.
- Baumeister, R. F., Smart, L., & Boden, J. M. (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: the dark side of high self-esteem. *Psychological review*, 103(1), 5.
- Baumeister, R. F., Bushman, B. J., & Campbell, W. K. (2000). Self-Esteem, Narcissism, and Aggression Does Violence Result From Low Self-Esteem or From Threatened Egotism?. *Current directions in psychological science*, 9(1), 26-29.
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4, 637-645.
- Block, J., Block, J. H., & Keyes, S. (1988). Longitudinally foretelling drug usage in adolescence: Early childhood personality and environmental precursors. *Child development*, 336-355.
- Born, M. (2003). *Psicologia da delinquência*. Lisboa. Climepsi Editores.
- Bryman, A., & Cramer, D. (2003). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS para windows (3ª Ed.)*. Oeiras: Celta
- Burton, V. S., Cullen, F. T., Evans, T. D., Alarid, L. F., & Dunaway, R. G. (1998). Gender, self-control, and crime. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 35(2), 123-147.

- Bushman, B. J., & Baumeister, R. F. (1998). Threatened egotism, narcissism, self-esteem, and direct and displaced aggression: Does self-love or self-hate lead to violence?. *Journal of personality and social psychology*, 75(1), 219.
- Calhoun, G. B., Glaser, B. A., Stefurak, T., & Bradshaw, C. P. (2000). Preliminary validation of the narcissistic personality inventory—juvenile offender. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 44(5), 564-580.
- Canter, R. J. (1982). Family correlates of male and female delinquency. *Criminology*, 20, 149.
- Caspi, A. (2000). The child is father of the man: personality continuities from childhood to adulthood. *Journal of personality and social psychology*, 78 (1), 158-172.
- Cloward, R. A., & Ohlin, L. E. (1960). *Delinquency and opportunity: A theory of delinquent gangs*. New York: The FreePress.
- Cochran, J. K., Wood, P. B., Sellers, C. S., Wilkerson, W., & Chamlin, M. B. (1998). Academic dishonesty and low self-control: An empirical test of a general theory of crime. *Deviant Behavior*, 19 (3), 227-255.
- Cohen, L. E., & Felson, M. (1979). Social change and crime rate trends: A routine activity approach. *American sociological review*, 588-608.
- Coslin, P. G. (2002). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget. (Tradução do original em Francês Psychologie de l'adolescent. Armand Colin, 2002).
- Donnellan, M. B., Trzesniewski, K. H., Robins, R. W., Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological science*, 16(4), 328-335.
- Donovan, J. E., Jessor, R., & Costa, F. M. (1988). Syndrome of problem behavior in adolescence: a replication. *Journal of consulting and clinical psychology*, 56 (5), 762.
- Dryfoos, J. G. (1990). *Adolescents at risk: Prevalence and prevention*. Oxford University Press.
- Emmons, R. A. (1987). Narcissism: theory and measurement. *Journal of personality and social psychology*, 52(1), 11.
- Evans, T. D., Cullen, F. T., Burton, V. S., Dunaway, R. G., & Benson, M. L. (1997). The social consequences of self-control: Testing the general theory of crime. *Criminology*, 35 (3), 475-504.

- Eysenck, H. J. (2003). Personality theory and the problema of criminality. In E. McLaughlin, J. Muncie, & G. Hughes (Eds.), *Criminological Perspectives – Essential readings* (2nd ed.) (pp. 91, 101). London: Sage Publications Ltd.
- Fabião, C. (2007). *Narcisismo, defesas primitivas e separação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Farrington, D. P. (1991). Childhood aggression and adult violence: Early precursors and later life outcomes. *The development and treatment of childhood aggression*, 5-29.
- Feldman, S. S., Weinberger, D. A. (1994). Self-Restraint as a Mediator of Family Influences on Boys' Delinquent Behavior: A Longitudinal Study. *Child Development*, 65, 195-211.
- Fonseca, A. (2002a). Uma escala de autocontrolo: Dados preliminares para a população portuguesa. *Psychologica*, 30, 193-202.
- Fonseca, A. & Simões, A. (2002). A teoria geral do crime de Gottfredson e Hirschi: o papel do autocontrolo, da família e das oportunidades. In A. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 245-267). Coimbra: Almedina.
- Freud, S. (1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Frick, P. J., & Hare, R. D. (2001). *Antisocial process screening device: APSD*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Gacono, C. B., Meloy, J. R., & Heaven, T. R. (1990). A Rorschach investigation of narcissism and hysteria in antisocial personality. *Journal of Personality Assessment*, 55(1-2), 270-279.
- Gibbs, J. J., & Giever, D. (1995). Self-control and its manifestations among university students: An empirical test of Gottfredson and Hirschi's general theory. *Justice Quarterly*, 12 (2), 231-255.
- Gibbs, J. J., Giever, D., & Martin, J. S. (1998). Parental management and self-control: An empirical test of Gottfredson and Hirschi's general theory. *Journal of research in crime and delinquency*, 35(1), 40-70.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Guerra, V. M., Fonseca, P. N., & Gouveia, R. V. (2013). Escala de Autocontrolo: adaptação brasileira e evidências de validade de construto. *Avaliação Psicológica*, 12 (3), 379-386.

- Grasmick, H. G., Tittle, C. R., Bursik, R. J., & Arneklev, B. J. (1993). Testing the core empirical implications of Gottfredson and Hirschi's general theory of crime. *Journal of research in crime and delinquency*, 30 (1), 5-29.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- Gomes, H., Gouveia-Pereira, M. (2014). Funcionamento familiar e delinquência juvenil: A mediação do autocontrolo. *Análise Psicológica*, 4, 439-451.
- Gottfredson, M. & Hirschi, T. (1990). *A General Theory of Crime*. Stanford: Stanford University Press.
- Gouveia-Pereira, M., Gomes, H., Miranda, M. & Peixoto (2015). Validação do Instrumento FACES IV para a População Portuguesa. Manuscrito em preparação.
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the revised psychopathy checklist (2nd ed.)*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Hay, C. (2001). Parenting, self-control, and delinquency: A test of self-control theory. *Criminology*, 39, 707-737.
- Hill, P. L., & Lapsley, D. K. (2011). Adaptive and maladaptive narcissism in adolescent development. In Barry, Christopher T. (Ed); Kerig, Patricia K. (Ed); Stellwagen, Kurt K. (Ed); Barry, Tammy D. (Ed), *Narcissism and Machiavellianism in youth: Implications for the development of adaptive and maladaptive behavior* (pp. 89-105). Washington, DC, USA: American Psychological Association.
- Hirschi, T. (2002). *Causes of delinquency*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Hirschi, T., & Gottfredson, M. (1983). Age and the explanation of crime. *American journal of sociology*, 552-584.
- Hirschi, T. & Gottfredson, M. (2003). The Generality of desviance. In E. McLaughlin, J. Muncie, & G. Hughes (Eds.), *Criminological Perspectives: Essencial readings* (2nd ed.) (pp. 151-159). London: Sage Publications Ltd.
- Holmes, J. (2002). *Narcisismo*. Coimbra: Almedina. (Tradução do original Inglês Narcissism. Cambridge: Icon Books Ltd., 2001)
- Hormut, S., Helmut, L., Michelitsch, I., Scheuermann, H., Trommsdorff, G., & Vögele, I. (1977). Impulskontrolle und einige persönlichkeitscharakteristika bei delinquenten und nichtdelinquent jugendlichen. *Psychologische Beiträge* 19 (3), 340-354.

- Houzel, D., Emmanuelli, M., & Moggio, F. (coord.). (2004). *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi.
- Huesmann, L. R., Eron, L. D., Lefkowitz, M. M., & Walder, L. O. (1984). Stability of aggression over time and generations. *Developmental psychology*, 20 (6), 1120.
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2010). Different provocations trigger aggression in narcissists and psychopaths. *Social Psychological and Personality Science*, 1(1), 12-18.
- Junger, M., & Tremblay, R. E. (1999). Self-control, accidents, and crime. *Criminal Justice and Behavior*, 26 (4), 485-501.
- Keane, C., Maxim, P. S., & Teevan, J. J. (1993). Drinking and driving, self-control, and gender: Testing a general theory of crime. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 30 (1), 30-46.
- Kellam, S. G., Ensminger, M. E., & Simon, M. B. (1980). Mental health in first grade and teenage drug, alcohol, and cigarette use. *Drug and alcohol dependence*, 5 (4), 273-304.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- LaGrange, T. C., & Silverman, R. A. (1999). Low self-control and opportunity: Testing the general theory of crime as an explanation for gender differences in delinquency. *Criminology*, 37 (1), 41-72.
- Langaro, F. N. (2012). *As manifestações do vazio na sociedade contemporânea*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos-Unisinos, Rio dos Sinos.
- Locke, K. D. (2009). Aggression, narcissism, self-esteem, and the attribution of desirable and humanizing traits to self versus others. *Journal of Research in Personality*, 43(1), 99-102.
- Loeber, R., & Farrington, D. P. (1997). Strategies and yields of longitudinal studies on antisocial behavior.
- Magnusson, D. (1988). *Individual development from an interactional perspective: A longitudinal study*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia* (6ª ed). Lisboa: Climepsi Editores. (Tradução do original Francês Adolescence et Psychopathologie. Masson, Paris, 1983, 2004)
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)* (4ª Ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.

- Matos, A. C. (1983). Textos sobre Narcisismo, Depressão e Masoquismo. *Análise Psicológica*, 4, 409-424.
- Matherne, M. & Thomas, A. (2001). Family Environment as a Predictor of Adolescent Delinquency. *Adolescence*, 36 (144), 655-664.
- McNally, S., Eisenberg, N., & Harris, J. D. (1991). Consistency and Change in Maternal Child-Rearing Practices and Values: A Longitudinal Study. *Child development*, 62 (1), 190-198.
- McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico psicanalítico*. Lisboa: Climpesi Editores. (Tradução do original em Inglês Psychoanalytic Diagnosis. Understanding personality structure in the clinical process. The Guilford Press, 1994)
- Mijolla, A., Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi. (Tradução do original em Francês Psychanalyse. Paris: Presses Universitaires de France, 1999)
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Harvard University Press.
- Mitchell, S. A. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis*. Harvard University Press.
- Olson, D. H. (1993). Circumplex model of marital and family systems: Assessing family functioning. Unpublished manuscript.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22 (2), 144-167.
- Olson, D. H. (2010). Faces IV Manual. Minneapolis: Life Innovations, Inc.
- Olson, D. H. (2011). FACES IV and the Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3, 64-80.
- Olson, D. H. & Gorall, D. M. (2003). Circumplex Modelo of marital & family sistemas. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes* (3rd Ed.). (pp 514-547). NewYork: Guilford.
- Olson, D. H. & Gorall, D. M. (2006). FACES IV & the Circumplex Model. Manuscript submitted for publication.
- Olweus, D., Block, J., & Radke-Yarrow, M. (1986). *Development of antisocial and prosocial behavior: Research, theories, and issues*. Academic Press.
- Paternoster, R., & Brame, R. (1998). The structural similarity of processes generating criminal and analogous behaviors. *Criminology*, 36 (3), 633-670.

- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). *A developmental perspective on antisocial behavior* (44 vols.). American Psychological Association.
- Patterson, G. R., Crosby, L., & Vuchinich, S. (1992). Predicting risk for early police arrest. *Journal of Quantitative Criminology*, 8 (4), 335-355.
- Paulhus, D. L., Robins, R. W., Trzesniewski, K. H., & Tracy, J. L. (2004). Two replicable suppressor situations in personality research. *Multivariate Behavioral Research*, 39(2), 303-328.
- Pechorro, P. (2011). *Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pechorro, P. (2013). *Traços psicopáticos em delinquentes juvenis: Investigações sobre início na atividade criminal, etnicidade e género*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Algarve.
- Pechorro, P., Silva, R., Marôco, J., Poiares, C., & Vieira, R. X. (2012). Auto-estima e narcisismo na adolescência: Relação com delinquência auto-relatada em contexto forense e escolar. *Análise Psicológica*, 30 (3), 329-339.
- Pechorro, P., Vieira, R. X. (2012). Adaptação e validação preliminar duma versão portuguesa do Dispositivo de Despiste de processo Anti-Social. *Laboratório de Psicologia*, 10 (1), 97-110.
- Perelberg, R. J. (2004). Narcissistic configurations: Violence and its absence in treatment. *The International Journal of Psychoanalysis*, 85 (5), 1065-1079.
- Piquero, A., & Tibbetts, S. (1996). Specifying the direct and indirect effects of low self-control and situational factors in offenders' decision making: Toward a more complete model of rational offending. *Justice quarterly*, 13 (3), 481-510.
- Pratt, T. C., & Cullen, F. T. (2000). Empirical Status of Gottfredson and Hirschi's General Theory of Crime: A Meta-Analysis, *The Criminology*, 38, 931.
- Pulkkinen, L. (1982). Self-control and continuity from childhood to late adolescence. *Life-span development and behavior*.
- Pulkkinen, L. (1996). Impulse control in children. *Journal of Forensic Psychiatry*, 7 (2), 228-233.
- Rhodewalt, F., & Morf, C. C. (1995). Self and interpersonal correlates of the Narcissistic Personality Inventory: A review and new findings. *Journal of Research in Personality*, 29 (1), 1-23.

- Roberts, G. C., Block, J. H., & Block, J. (1984). Continuity and change in parents' child-rearing practices. *Child Development*, 586-597.
- Rutter, M., Giller, H., & Hagell, A. (1998). *Antisocial behavior by young people: A major new review*. Cambridge University Press.
- Sanches, C., Gouveia-Pereira, M., Marôco, J., Gomes, H., & Roncon, F. (no prelo). Deviant Behavior Variety Scale: Development and Validation with a sample of Portuguese Adolescents. Manuscript accepted for publication in *Psicologia: Reflexão e Crítica*.
- Schoenleber, M., Sadeh, N., & Verona, E. (2011). Parallel Syndromes: Two Dimensions of Narcissism and the Facets of Psychopathic Personality in Criminally Involved Individuals. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 2 (2), 113-127.
- Schwenkmezger, P. (1983). Risikoverhalten, Risikobereitschaft und Delinquenz: Theoretische Grundlagen und differentialdiagnostische Untersuchungen. *Zeitschrift für Differentielle und Diagnostische Psychologie*.
- Steinberg, L. (1990). *Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship*. Harvard University Press.
- Tolan, P. H., & Lorion, R. P. (1988). Multivariate approaches to the identification of delinquency proneness in adolescent males. *American Journal of Community Psychology*, 16 (4), 547-561.
- Tremblay, R. E., & Craig, W. M. (1995). Developmental crime prevention. *Crime and justice*, 151-236.
- Turner, M. G., & Piquero, A. R. (2002). The stability of self-control. *Journal of Criminal Justice*, 30 (6), 457-471.
- Twenge, J. M., & Campbell, W. K. (2003). "Isn't it fun to get the respect that we're going to deserve?" Narcissism, social rejection, and aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(2), 261-272.
- Washburn, J. J., McMahon, S. D., King, C. A., Reinecke, M. A., & Silver, C. (2004). Narcissistic features in young adolescents: Relations to aggression and internalizing symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, 33(3), 247-260.

ANEXOS

ANEXO A – Estatística Descritiva da Amostra

Tabela 1 – Estatística descritiva da variável Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	129	55,4	55,4	55,4
	Masculino	104	44,6	44,6	100,0
	Total	233	100,0	100,0	

Tabela 2 – Estatística descritiva da variável Idade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	233	15	18	16,46	1,079
Valid N (listwise)	233				

Tabela 3 – Estatística descritiva da variável Ano de Escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	9º ano	23	9,9	9,9	9,9
	10º ano	149	63,9	63,9	73,8
	11º ano	30	12,9	12,9	86,7
	12º ano	31	13,3	13,3	100,0
	Total	233	100,0	100,0	

Tabela 4 – Estatística descritiva da Variável Irmãos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	43	18,5	18,5	18,5
	Sim	189	81,1	81,1	99,6
	3	1	,4	,4	100,0
	Total	233	100,0	100,0	

Tabela 5 – Estatística descritiva da variável Números de Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Quantos_irmãos	194	0	99	2,38	7,158
Valid N (listwise)	194				

Tabela 6 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade_irmãos_1	188	1,00	38,00	16,5000	7,59433
Valid N (listwise)	188				

Tabela 7 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade_irmãos_2	94	1,00	36,00	18,2021	8,84220
Valid N (listwise)	94				

Tabela 8 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade_irmãos_3	37	1,00	35,00	19,1351	10,61226
Valid N (listwise)	37				

Tabela 9 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade_irmãos_4	13	1,00	38,00	17,7692	12,23488
Valid N (listwise)	13				

Tabela 10 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade_irmãos_5	5	1,00	26,00	16,2000	9,60208
Valid N (listwise)	5				

Tabela 11 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade_irmãos_6	3	1,00	39,00	20,6667	19,03506
Valid N (listwise)	3				

Tabela 12 – Estatística descritiva da variável Idade dos Irmãos

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade_irmãos_7	1	24,00	24,00	24,0000	.
Valid N (listwise)	1				

Tabela 13 – Estatística descritiva da variável Nacionalidade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Portuguesa	211	90,6	90,6	90,6
Brasileira	10	4,3	4,3	94,8
Guineense	2	,9	,9	95,7
Chinesa	1	,4	,4	96,1
Romena	1	,4	,4	96,6
Alemã	1	,4	,4	97,0
Finlandesa	1	,4	,4	97,4
Moldava	1	,4	,4	97,9
Indonesa	1	,4	,4	98,3
Cabo Verdiana	2	,9	,9	99,1
Angolana	1	,4	,4	99,6
Missing	1	,4	,4	100,0
Total	233	100,0	100,0	

Tabela 14 – Estatística descritiva da variável Pais Juntos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	102	43,8	43,8	43,8
Sim	129	55,4	55,4	99,1
99	2	,9	,9	100,0
Total	233	100,0	100,0	

Tabela 15 - Idade * Sexo

	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
	Idade 15	34	24
16	35	23	58
17	41	28	69
18	19	29	48
Total	129	104	233

Tabela 16 - Ano_esc * Sexo

	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
	Ano_esc 9º ano	17	6
10º ano	83	66	149
11º ano	10	20	30
12º ano	19	12	31
Total	129	104	233

Tabela 17 - Irmãos * Sexo

	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
	Irmãos Não	24	21
Sim	105	83	188
Total	129	104	233

Tabela 18 – Pais Juntos * Sexo

	Sexo		
	Feminino	Masculino	Total
	Pais_juntos Não	58	45
Sim	71	59	130
Total	129	104	233

ANEXO B – Instrumentos FACES IV

Gostaria agora que pensasse na sua família (com quem vive).

Já pensou?

	Discordo Fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Fortemente
1. Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. A minha família tenta novas formas de lidar com os problemas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Nós damos-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Nós passamos “demasiado” tempo juntos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Os membros da minha família sentem-se muito próximos uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Os pais partilham a liderança na nossa família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Os membros da minha família parecem evitar o contacto uns com os outros quando estão em casa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. É difícil saber quem é o líder da nossa família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Os membros da minha família apoiam-se uns aos outros durante tempos difíceis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Na nossa família a disciplina/regras são justas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	Discordo Fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Fortemente
15. Os membros da minha família sabem muito pouco acerca dos amigos dos outros membros da família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Os membros da minha família são demasiado dependentes uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Na nossa família há uma regra para quase todas as situações.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Na nossa família as coisas (tarefas/actividades) não são feitas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Os membros da minha família consultam/conversam com os outros membros da família sobre decisões importantes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Quando necessário, a minha família é capaz de se ajustar à mudança.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. Os membros da minha família “estão por sua conta” quando existe um problema para resolver.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22. Os membros da minha família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23. A nossa família é extremamente organizada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24. Não é claro quem é o responsável por coisas (tarefas, actividades) na nossa família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25. Os membros da minha família gostam de passar algum do seu tempo livre uns com os outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
26. Na minha família, passamos as responsabilidades domésticas de pessoa para pessoa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

27. A minha família raramente faz coisas/actividades em conjunto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
28. Na minha família sentimo-nos demasiado ligados uns aos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29. A nossa família fica frustrada quando há uma alteração nos nossos planos ou rotinas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
30. Não existe liderança na nossa família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
31. Apesar de os membros da minha família terem interesses individuais, ainda assim participam em actividades familiares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	Discordo Fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Fortemente
32. Na nossa família temos regras e papéis claros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
33. Os membros da minha família raramente dependem uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
34. Nós ressentimo-nos quando os membros da família fazem coisas fora da família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
35. É importante seguir as regras na nossa família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
36. A minha família tem dificuldade em saber quem faz as diferentes tarefas domésticas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
37. A nossa família tem um bom equilíbrio entre separação e proximidade, entre uns e outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
38. Quando surgem problemas, nós estabelecemos compromissos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
39. Os membros da família funcionam, principalmente, de forma independente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
40. Os membros da família sentem-se culpados se quiserem passar o seu tempo longe da família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
41. Quando uma decisão é tomada, é muito difícil modificá-la.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

42. A nossa família sente-se sobre pressão e desorganizada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
43. Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
44. Os membros da minha família são muito bons ouvintes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
45. Os membros da minha família expressam afectos uns pelos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
46. Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
47. Os membros da minha família podem calmamente discutir os problemas uns com os outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
48. Os membros da minha família discutem as suas ideias e crenças uns com os outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	Discordo Fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Fortemente
49. Quando os membros da minha família fazem perguntas uns sobre os outros, obtêm respostas honestas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
50. Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
51. Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspectos negativos acerca uns dos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
52. Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Acabou de responder a um conjunto de afirmações sobre a sua família, gostaríamos de saber quem foram os principais familiares nos quais pensou

ANEXO C - Instrumento FACES IV

Fiabilidade

Coesão Equilibrada

Tabela 19 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,807	6

Tabela 20 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_1	18,35	14,271	,503	,791
FacesIV_7	18,72	13,176	,587	,772
FacesIV_13	18,14	12,769	,630	,762
FacesIV_19	18,39	13,989	,532	,785
FacesIV_25	18,54	13,689	,579	,774
FacesIV_31	18,67	13,910	,564	,778

Coesão Desagregada

Tabela 21 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,564	4

Tabela 22 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_15	8,21	5,026	,343	,496
FacesIV_21	9,01	4,944	,343	,496
FacesIV_27	8,28	4,385	,412	,435
FacesIV_39	7,90	5,446	,294	,533

Coesão Emaranhada

Tabela 23 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,546	5

Tabela 24 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_4	9,17	6,157	,252	,524
FacesIV_10	9,68	6,366	,214	,545
FacesIV_16	9,19	6,019	,310	,489
FacesIV_34	9,55	5,732	,376	,449
FacesIV_40	9,47	5,647	,400	,434

Flexibilidade Equilibrada

Tabela 25 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,678	5

Tabela 26 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_2	14,30	6,365	,524	,582
FacesIV_8	14,07	7,577	,255	,710
FacesIV_14	14,21	6,667	,484	,602
FacesIV_20	13,85	7,240	,458	,618
FacesIV_38	14,16	7,284	,473	,613

Flexibilidade Rígida

Tabela 27 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,757	4

Tabela 28 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_5	9,09	6,125	,562	,695
FacesIV_11	8,70	5,678	,609	,668
FacesIV_17	9,20	6,202	,561	,696
FacesIV_35	8,14	6,760	,486	,735

Flexibilidade Caótica

Tabela 29 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,650	4

Tabela 30 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_12	7,50	5,613	,433	,583
FacesIV_24	7,47	6,337	,400	,603
FacesIV_30	7,70	5,816	,480	,547
FacesIV_36	7,66	6,364	,413	,594

FACES IV

Tabela 31 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,830	28

Tabela 32 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_1	88,06	134,372	,502	,819
FacesIV_2	88,52	132,889	,533	,818
FacesIV_4	89,27	143,545	,088	,833
FacesIV_5	89,25	139,828	,228	,829
FacesIV_7	88,43	132,315	,533	,817
FacesIV_8	88,30	136,416	,370	,824
FacesIV_10	87,96	139,308	,274	,827
FacesIV_11	88,86	136,001	,359	,824
FacesIV_12	88,48	138,371	,236	,830
FacesIV_13	87,85	130,628	,591	,815
FacesIV_14	88,43	134,643	,474	,820
FacesIV_15	88,80	136,507	,375	,824
FacesIV_16	89,30	143,185	,110	,832
FacesIV_17	89,36	137,352	,337	,825
FacesIV_19	88,10	134,710	,477	,820
FacesIV_20	88,07	137,413	,412	,823
FacesIV_21	87,99	134,207	,460	,820
FacesIV_24	88,51	142,553	,116	,833
FacesIV_25	88,25	132,429	,581	,816
FacesIV_27	88,72	132,021	,504	,818
FacesIV_30	88,28	138,325	,272	,828
FacesIV_31	88,38	132,470	,595	,816
FacesIV_34	89,65	145,314	,017	,836
FacesIV_35	88,30	137,015	,379	,823
FacesIV_36	88,32	140,314	,213	,829
FacesIV_38	88,39	137,152	,442	,822
FacesIV_39	89,11	139,217	,286	,827
FacesIV_40	89,58	143,202	,109	,833

Comunicação

Tabela 33 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,880	10

Tabela 34 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
FacesIV_43	30,76	44,259	,589	,870
FacesIV_44	30,91	42,241	,680	,863
FacesIV_45	30,54	42,724	,690	,862
FacesIV_46	30,17	47,445	,499	,876
FacesIV_47	30,84	42,419	,679	,863
FacesIV_48	30,43	46,815	,475	,878
FacesIV_49	30,45	46,792	,541	,873
FacesIV_50	30,59	42,761	,738	,859
FacesIV_51	31,43	45,204	,520	,875
FacesIV_52	30,58	43,789	,656	,865

Estatística Descritiva

Tabela 35 – Estatística Descritiva do Faces IV

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Coesão_Equi	233	1,50	5,00	3,6938	,72465
Desagregada	233	1,25	5,00	2,7833	,69304
Emaranhada	233	1,00	4,60	2,3528	,57954
Flexibilidade_Equi	233	1,00	5,00	3,5296	,63750
Rígida	233	1,00	5,00	2,9270	,79772
Caótica	233	1,00	5,00	2,5268	,77479
FacesIV	233	2,00	4,14	3,0187	,28933
Comunicação	233	1,30	5,00	3,4077	,73586
Valid N (listwise)	233				

ANEXO D - Escala de Avaliação do Narcisismo APSD-SR

Leia com atenção cada uma das frases que a seguir se apresentam e indique até que ponto elas se aplicam a si, colocando uma cruz, no respectivo rectângulo. Tem sempre três possibilidades de resposta.

	Nada	Algumas vezes	Frequentemente
1. Os sentimentos parecem superficiais e falsos.			
2. Gabo-me muito do que faço ou do que tenho.			
3. Uso ou engano as pessoas.			
4. Gozo com as outras pessoas.			
5. Sou charmoso e simpático para conseguir coisas.			
6. Zango-me quando me corrigem ou castigam.			
7. Penso que sou mais importante que os outros.			

ANEXO E – Instrumento do Narcisismo APSD-SR

Fiabilidade

Tabela 36 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,717	7

Tabela 37 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
N_1	10,93	12,150	,357	,701
N_2	10,67	11,489	,452	,679
N_3	11,18	11,723	,542	,663
N_4	10,87	11,642	,424	,686
N_5	10,93	11,021	,505	,664
N_6	10,03	12,223	,258	,732
N_7	11,11	11,294	,506	,666

Estatística Descritiva

Tabela 38 – Estatística Descritiva do Narcisismo

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Narcisismo	233	,00	3,71	1,8026	,55590
Valid N (listwise)	233				

ANEXO F – Escala de Autocontrolo

Leia com atenção cada uma das frases que a seguir se apresentam e indique até que ponto elas se aplicam a si, colocando uma cruz, no respectivo rectângulo. Tem sempre 4 possibilidades de resposta.

	Nada	Um Pouco	Bastante	Muito
1. Faço as coisas impulsivamente, sem parar para pensar.				
2. Não penso muito nem faço muito esforço para preparar o futuro.				
3. Prefiro fazer o que me dá prazer imediato mesmo que isso prejudique os meus objectivos mais tarde.				
4. Evito coisas que sei que são difíceis.				
5. Preocupo-me mais com o que me pode acontecer a curto prazo do que com o que me pode acontecer a longo prazo.				
6. Quando as coisas se tornam complicadas, eu retraio-me ou facilmente renuncio a lutar por elas.				
7. As coisas que são fáceis de fazer são as que na vida me dão maior prazer.				
8. Não gosto mesmo nada das tarefas que exigem o máximo das minhas capacidades.				
9. Gosto de me desafiar a mim próprio(a) fazendo, de vez em quando, coisas que são um pouco perigosas.				
10. Faço coisas arriscadas só para me divertir.				
11. Acho estimulante fazer coisas que me podem trazer problemas.				
12. A excitação e a aventura são mais importantes para mim do que a segurança.				
13. Se pudesse escolher, preferia actividades físicas a actividades que obrigam a pensar.				
14. Sinto-me melhor quando tenho de me mexer para fazer qualquer coisa do que quando estou sentado(a) a reflectir.				
15. Gosto mais de sair e fazer coisas do que ficar em casa a ler ou a pensar.				
16. Pareço ter mais energia e necessitar de mais actividade do que a maioria das pessoas da minha idade.				
17. Procuo primeiro tratar de mim, mesmo que isso venha a prejudicar os outros.				
18. Não tenho muita simpatia pelos outros quando eles estão com problemas.				
19. Se o que eu faço magoa os outros, o problema é deles e não meu.				
20. Procuo obter as coisas que quero mesmo sabendo que isso causa problemas às outras pessoas.				
21. Irrito-me e descontrolo-me facilmente.				
22. Quando estou zangado(a) com as outras pessoas sinto mais disposição para as magoar do que para lhes explicar por que é que estou zangado(a).				
23. Quando estou verdadeiramente chateado(a) é melhor que os outros se mantenham afastados.				
24. Quando tenho um desentendimento grave com alguém, é-me difícil falar sobre isso sem ficar transtornado(a).				

ANEXO G – Instrumento de Autocontrole

Fiabilidade

Tabela 39 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,748	24

Tabela 40 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
AC_1	23,11	61,358	,420	,733
AC_2	23,17	62,071	,274	,741
AC_3	23,20	60,894	,357	,735
AC_4	23,10	63,072	,217	,744
AC_5	22,96	60,990	,333	,737
AC_6	23,33	63,879	,141	,749
AC_7	23,42	62,511	,244	,743
AC_8	23,36	61,773	,328	,737
AC_9	22,59	61,847	,253	,742
AC_10	23,11	60,570	,369	,734
AC_11	23,73	62,334	,351	,737
AC_12	23,43	61,186	,387	,734
AC_13	22,88	60,767	,274	,741
AC_14	22,78	60,611	,307	,739
AC_15	22,41	60,373	,290	,740
AC_16	23,09	61,169	,292	,740
AC_17	23,43	61,635	,311	,738
AC_18	23,81	62,706	,277	,741
AC_19	23,89	63,458	,275	,741
AC_20	23,81	62,717	,322	,739
AC_21	23,16	61,126	,321	,737
AC_22	23,44	62,636	,219	,744
AC_23	22,82	60,689	,293	,740
AC_24	22,79	63,250	,145	,751

Estatística Descritiva

Tabela 41 – Estatística Descritiva do Autocontrole

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Auto_Controlo_T	233	,00	47,00	24,2103	8,15969
Valid N (listwise)	233				

ANEXO H - Escala de Variedade dos Comportamentos Desviantes

Agora apresentamos-te alguns comportamentos que podem ser realizados por jovens da tua idade. Indica por favor se, durante o último ano, tiveste algum destes comportamentos. Lembra-te que o questionário é ANÓNIMO e CONFIDENCIAL. Ninguém que te conheça terá acesso às tuas respostas. Por favor responde com sinceridade!

Vê o exemplo e assinala a resposta que melhor corresponde aos teus comportamentos.

DURANTE O ÚLTIMO ANO, ALGUMA VEZ...	SIM	NÃO
1. Foste para a escola ou para as aulas depois de teres bebido bebidas alcoólicas?		
2. Mentiste a adultos (ex: familiares, professores, etc.)?		
3. Consumiste cocaína ou heroína?		
4. Usaste uma moto ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono ou proprietário?		
5. Bateste a um adulto (ex: professor, familiar, agente de segurança, etc.)?		
6. Andaste em transportes públicos sem pagar bilhete?		
7. Estragaste ou destruístes bens públicos ou privados (ex: parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, carros, etc.)?		
8. Consumiste haxixe (“ganzas”) ou marijuana (“erva”)?		
9. Roubaste alguma coisa que valia mais de que 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
10. Faltaste vários dias à escola sem os teus pais saberem?		
11. Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc...)?		
12. Roubaste alguma coisa que valia entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
13. Faltaste às aulas porque não te apeteceu ir, para ficar com colegas ou para ir dar uma volta?		
14. Conduziste uma moto ou um carro sem ter carta de condução?		
15. Consumiste LSD (“ácidos”), ecstasy (“pastilhas”) ou anfetaminas (“speeds”)?		

16. Transportaste uma arma (ex.: navalha, pistola, etc.)?

17. Roubaste alguma coisa que valia menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?

18. Fizeste grafitis em edificios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc.)?

19. Assaltaste um carro, uma casa loja, escola ou outro edificio?

ANEXO I – Instrumento de Comportamentos Desviantes

Fiabilidade

Tabela 42 – Estatística de Fiabilidade

Cronbach's Alpha	N of Items
,748	19

Tabela 43 – Estatística Item-total

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
D_1	3,20	5,952	,354	,734
D_2	2,55	5,938	,251	,746
D_3	3,30	6,347	,326	,740
D_4	3,30	6,444	,228	,744
D_5	3,29	6,525	,080	,750
D_6	2,82	5,565	,346	,738
D_7	3,26	6,261	,253	,742
D_8	3,09	5,648	,398	,730
D_9	3,30	6,375	,323	,741
D_10	3,11	5,700	,389	,731
D_11	3,29	6,354	,289	,741
D_12	3,20	5,748	,498	,722
D_13	2,76	5,388	,432	,727
D_14	3,21	6,147	,241	,743
D_15	3,30	6,278	,414	,737
D_16	3,21	5,893	,427	,728
D_17	3,07	5,482	,475	,721
D_18	3,22	6,019	,358	,734
D_19	3,32	6,633	,000	,750

Estatística Descritiva

Tabela 44 – Estatística Descritiva dos Comportamentos Desviantes

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Deliquência	233	,00	13,00	3,3219	2,57546
Valid N (listwise)	233				

ANEXO J – Questionário Socio-demográfico



Olá!

Somos do ISPA - Instituto Universitário.

Estamos a desenvolver um estudo para conhecermos algumas características dos jovens, bem como das suas famílias. Estamos também interessados nos comportamentos que os jovens da tua idade podem ter.

O QUESTIONÁRIO É ANÓNIMO e CONFIDENCIAL.

Não existem respostas certas ou erradas e o seu preenchimento demora cerca de 20 minutos.

Antes de responderes ao questionário, pedimos que preenchas estes dados:

Sexo: Masculino____ Feminino____ Idade:____ anos.

Ano de escolaridade:____ ano.

Tens irmãos?____ Quantos?____ Idades:_____

Nacionalidade (onde nasceste?):_____

Os teus pais: vivem juntos? _____ vivem separados?_____

Outros:_____

ANEXO K – Autorizações para os Encarregados de Educação

**PARTICIPAÇÃO NUM ESTUDO REALIZADO NO ÂMBITO DE UM
PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO**

Autorização do Encarregado de Educação

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno _____, nº _____, da turma _____ do _____ºAno, da Escola _____, declaro que autorizo o meu educando a participar num estudo sobre a forma como os adolescentes pensam e sentem acerca de comportamentos que dizem respeito aos jovens, realizado no âmbito de uma dissertação de mestrado do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário, sendo as respostas dadas totalmente anónimas e confidenciais.

Para eventuais esclarecimentos e/ou informações adicionais, poderá contactar a investigadora, Elisabete Monteiro, através do e-mail: elisabete.monteiro@gmail.com.

(Local) _____, (Data) ____ / ____ / 2015

ANEXO L - Estatística Descritiva dos Rácios do Modelo Circumplexo

Tabela 45 – Estatística Descritiva dos rácios do Modelo Circumplexo

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	Skewness	Kurtosis
	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic
Rácio_Coesão	233	,44	3,17	1,5178	,50379	,463	,452
Rácio_Flexibilidade	233	,42	2,46	1,3358	,33602	,264	,599
Rácio_Func_Fam	233	,43	2,40	1,4268	,36334	,026	-,046
Valid N (listwise)	233						

Tabela 46 - Correlações

		1	2	3	4
1. Rácio_Coesão	Pearson Correlation	1			
	Sig. (2-tailed)				
2. Rácio_Flexibilidade	Pearson Correlation	,477**	1		
	Sig. (2-tailed)	,000			
3. Comunicação	Pearson Correlation	,671**	,489**	1	
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		
4. Rácio_Func_Fam	Pearson Correlation	,914**	,793**	,692**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Tabela 47 - Correlações com Idade

		1	2	3	4
1. Idade	Pearson Correlation	1			
	Sig. (2-tailed)				
2. Rácio_Coesão	Pearson Correlation	-,134*	1		
	Sig. (2-tailed)	,041			
3. Rácio_Flexibilidade	Pearson Correlation	-,112	,477**	1	
	Sig. (2-tailed)	,087	,000		
4. Rácio_Func_Fam	Pearson Correlation	-,145*	,914**	,793**	1
	Sig. (2-tailed)	,027	,000	,000	

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

ANEXO M - Análise da variável Narcisismo

Tabela 48 - Estatística Descritiva dos Grupos

	Sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Narcisismo	Feminino	129	1,7254	,49636	,04370
	Masculino	104	1,8984	,61087	,05990

Tabela 49 – Teste T

		Levene's Test		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error	95% IC	
									Lower	Upper
Narcisismo	Equal variances assumed	8,872	,003	-2,385	231	,018	-,17299	,07253	-,31590	-,03009
	Equal variances not assumed			-2,333	196,933	,021	-,17299	,07415	-,31922	-,02677

ANEXO N - Análise da variável Comportamentos Desviantes

Tabela 50 – Correlações entre Delinquência e Idade

		1	2
1. Idade	Pearson Correlation		1
	Sig. (2-tailed)		
2. Delinquência	Pearson Correlation	,217**	1
	Sig. (2-tailed)	,001	

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Tabela 51 – ANOVA *One Way*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	,224	3	,075	4,231	,006
Within Groups	4,039	229	,018		
Total	4,263	232			

Tabela 52 – teste de Comparações de Médias *Tukey HSD*

(I) Idade	(J) Idade	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
15	16	-,05082	,02466	,169	-,1146	,0130
	17	-,07095*	,02366	,016	-,1322	-,0097
	18	-,08182*	,02591	,010	-,1489	-,0148
16	15	,05082	,02466	,169	-,0130	,1146
	17	-,02013	,02366	,830	-,0814	,0411
	18	-,03100	,02591	,630	-,0981	,0361
17	15	,07095*	,02366	,016	,0097	,1322
	16	,02013	,02366	,830	-,0411	,0814
	18	-,01087	,02496	,972	-,0755	,0537
18	15	,08182*	,02591	,010	,0148	,1489
	16	,03100	,02591	,630	-,0361	,0981
	17	,01087	,02496	,972	-,0537	,0755

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

ANEXO O - Sistema Familiar e Comportamentos Desviantes

Tabela 53 – Correlações entre Sistema Familiar e Comportamentos Desviantes

		1	2	3	4	5	6	7
1. Rácio_Func_Fam	Pearson Correlation Sig. (2-tailed)	1						
2. Rácio_Flexibilidade	Pearson Correlation Sig. (2-tailed)	,793**	1					
3. Rácio_Coesão	Pearson Correlation Sig. (2-tailed)	,914**	,477**	1				
4. Comunicação	Pearson Correlation Sig. (2-tailed)	,692**	,489**	,671**	1			
6. Narcisismo	Pearson Correlation Sig. (2-tailed)	-,086	-,062	-,083	-,069	1		
7. Delinquência_M	Pearson Correlation Sig. (2-tailed)	-,246**	-,156*	-,251**	-,261**	,133*	1	
8. Auto_Controlo	Pearson Correlation Sig. (2-tailed)	-,186**	-,135*	-,178**	-,137*	,257**	,304**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

ANEXO P – Sistema Familiar e Autocontrole

Tabela 54 – Sumário do Modelo

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Durbin-Watson
1	,246 ^a	,061	,056	,13167	
2	,360 ^b	,130	,122	,12701	1,928

a. Predictors: (Constant), Rácio_Func_Fam

b. Predictors: (Constant), Rácio_Func_Fam, Auto_Controlo

c. Dependent Variable: Delinquência_M

Tabela 55 - ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	,258	1	,258	14,887	,000 ^b
	Residual	4,005	231	,017		
	Total	4,263	232			
2	Regression	,553	2	,276	17,125	,000 ^c
	Residual	3,710	230	,016		
	Total	4,263	232			

a. Dependent Variable: Delinquência_M

b. Predictors: (Constant), Rácio_Func_Fam

c. Predictors: (Constant), Rácio_Func_Fam, Auto_Controlo

Tabela 56 - Coeficientes

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	Collinearity Statistics	
	B	Std. Error	Beta			Tolerance	VIF
1 (Constant)	,306	,035		8,731	,000		
	Rácio_Func_Fam	-,092	,024	-,246	-,000	1,000	1,000
				3,858			
2 (Constant)	,172	,046		3,724	,000		
	Rácio_Func_Fam	-,073	,023	-,196	-,002	,965	1,036
				3,135			
Auto_Controlo	,004	,001	,267	4,272	,000	,965	1,036

a. Dependent Variable: Delinquência_M

ANEXO Q - Sistema Familiar e Narcisismo

Tabela 57 – Correlações entre Sistema Familiar e Narcisismo

		1	2	3
1. Rácio_Func_Fam	Pearson Correlation	1	-,086	-,246**
	Sig. (2-tailed)		,189	,000
	N	233	233	233
2. Narcisismo	Pearson Correlation	-,086	1	,133*
	Sig. (2-tailed)	,189		,043
	N	233	233	233
3. Delinquência_M	Pearson Correlation	-,246**	,133*	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,043	
	N	233	233	233

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).